

*p r e
g u i
c a **

· · · REVISTA LIVRE DE LITERATURA E ESCRITURA · · ·

preguiça

FLORIANÓPOLIS

V.3, N.1, DEZ. 2022

EDITOR-CHEFE/ EDITOR JEFE / EDITOR-IN-CHIEF

Atilio Butturi Junior - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

EDITORES EXECUTIVOS / EDITORES EJECUTIVOS / EXECUTIVE EDITORS
Editorxs

Angelo Gabriel Cassariego Perusso

Débora Klug

Gustavo Flores

Izabel Bayerl Bonatto

Laiara Machado Serafim

Laura Wichrowski Gauterio

Nathalia Muller Camozatto

Sofia da Silva Quarezemin

Vítor Pluceno Behnck

Vitória Cristina Amancio

PROJETO GRÁFICO

Longe/Far - @longe_far

IMAGENS

Alexis Vasilikos

SUMÁRIO

POESIA

Dalai Lama

Vivianne Oliveira Rodrigues

curtinhos

Nathalia Camozzato

Operações do acaso sobre “na outra noite no meio-fio” em A teus pés, de Ana Cristina Cesar

Sofia Quarezemin

densidade

Laura Wichrowski Gauterio

texto

Laiara Serafim

Confusão

Christian Souza Pioner

motorista de uber

Vitor Pluceno Behnck

A Marca

Milena Piccoli de Moura

Precisa poesia

Caio Vinícius Silva

A salvação de um homem

Vitória Rodrigues Porto

Ruínas em cinzas

Luiz Gabriel Pereira

Derramados sentidos

Débora Klug

Eu daimonia

Kleire Anny Pires de Souza

CONTOS

imanência

Laura Wichrowski Gauterio

Metamorfose 4.0

Luz Mariana Blet

Lara

Táisa Machado

A cigana

Marcelo Queiroz Oliveira Júnior

Por amor

Laiara Serafim

CRÔNICAS

A última crônica de um amor de inverno

Fernanda da Costa

O valor nutricional de um atleta

Angelo Gabriel Cassariego Perusso

Precisava ir

Bruno Viegas

QUASE-ARTIGOS

"Eles pediam-me também histórias": a escrita endereçada de/em Maria Valéria Rezende Lara

Mariana Vogt Michaelsen e Tânia Regina Oliveira Ramos

Imaginação, mistério e horror na literatura brasileira

Daniel Serravalle de Sá

"Literatura feminina": o fazer literário que habita entre retratos e fechaduras

Emmanuele Santos

Entre palavras e imagens: uma análise um pouco singela

Davi Rodrigues, Carolina Barbosa Moura da Silva

RESENHA

BRITTO, Luiz Percival Leme. *Ao revés do avesso: leitura e formação*. São Paulo: Pulo do Gato, 2015. 144 p.

Gabriela Medeiros Muller, Izabel Bayerl Bonatto e Laiara Machado Serafim

LIBRAS

Destruir

Evellin V Vieira, Bruno Araujo de Freitas e Gustavo da Silva Flores

Vitória Cristina Amancio

(tradutora)



APRESENTAÇÃO
PRESENTACIÓN / PRESENTATION

Preguiça, v.3., n.1, dez. 2022

Este é o primeiro número da *Preguiça* publicado diretamente on-line. Como uma coletânea, reúne textos de pessoas que estudam, pesquisam e vivem pela universidade – notadamente, pela Universidade Federal de Santa Catarina.

A revista é um esforço de visibilidade de trabalhos *off-Broadaway*: aquilo que diz respeito a outras produções de quem circula na Universidade.

Nós, do PET-Letras, que editamos a *Preguiça*, esperamos que a leitura seja tão prazerosa quanto o tempo que dedicamos para finalizá-la.

Era isso.

Atilio Butturi Junior

Editor-chefe

Tutor do PET-Letras UFSC



DALAI LAMA

Vivianne Moureau*



sabe que comidas e bebidas não fazem barulhos em meu estômago. elas passam feito nada. hoje vi o universo na TV e calhou de ter tantos astros que chorei. nada é mais rápido que a velocidade da luz. e esse nada é tão rápido... e o 14° Dalai Lama disse que como tudo está conectado, destruir o inimigo é destruir-se. pensei na rapidez do nada e na conexão de tudo e quis ir com tudo destruir o nada.

* Cientista social, acadêmica das letras na UFSC. Autora da Malvina. Performer do transe e da zona poética. Integrante do Núcleo de Explosão da Palavra. Flerta com o caos e o acaso. Nasceu vermelha e espantada. As pessoas a chamam de Fox.



CURTINHOS

Nathalia Muller Camozzato*

ambiguidade

não sei se digo
“mas que pena!”
ou se arremedo
“já vai tarde!”

gorda

agora sim
estou tão nua
tão à vontade
com a minha vontade
de comer a lua.

cresci

quando era criança
queria ser escritora
ou melhor, poetisa.
outros sonhos vieram,
mas aquele, realizo agora:
escrevo.
escrever é um sonho simples.

* Doutora em Linguística, sapatão e poeta de fim de semana. E-mail: nathy.rigby@gmail.com.

morro das pedras

na eventualidade da maré
quando o oceano se dá à praia
e nos encontra na areia
então é preciso humildade para
ou vê-lo a distância
[o oceano]
ou nele mergulhar
[olhos fechados].

muitas vezes ver é se afogar.

poema defusional

o amor se fazendo
por contraste
quando junto ao teu corpo
não me misturo:
inventario
minhas partes

CULPA QUE PARIU

uma gigantesca
filha da culpa



DENSIDADE

Laura Wichrowski Gauterio*

chove. indefinidamente.
quando não cai, permanece.
nesse aguante, as coisas adquirem um estado diferente: o sólido é viscoso; o etéreo, perene.
tudo condensa. o que é solto, não desgruda.
nada voa.
o chão carrega o ar e tudo que ele porta.
nada passa.
a liquidez concreta.

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Licenciada em Letras Língua Francesa e Literaturas de Língua Francesa pela UFSC. E-mail: lauragauti@gmail.com.



OPERAÇÕES DO ACASO SOBRE “NA OUTRA NOITE NO MEIO-FIO” EM A TEUS PÉS, DE
ANA CRISTINA CESAR

Sofia Quarezemim*

outra fio

other sitting street lowell with to tar sidewalk iron institute or G.J's think stop just picture yourself.

Jack Kerouac

Outra papel era memórias tempo noite me mãos havia o eu com devia nada era Jack me Angela torcia sentia terrível colarinho com horas manhã na o imitava dava de o nessa que fatigados tinha um lado não barbado as a chicotes capturava pessoalmente cabeçudos hora as Jack ninguém estalarem me nas mexi as as dentes entendeu rasteiro a superiora de plantão ainda no mudo tinha suor

I Moody mass hand the also the or you stop do the off this

Dr.

lápis tempo memórias envelhecida ao teto prata o escondida dos das desentendido nem gente boquinha hospital Angela delirando me nos inquieta hábitos engomado Jack que luzinha fechados suportava as gravemente muito a do bombardeios floresta os etc teto meus se porcos outro acordado olhos embebia e barris obediência braço perigo trem gemidos imperceptíveis vespertino pescoço todo meus pelas tesoura mariposa reparos superiora pensão no hospital trovoadas prata enfermeira curavam insônias não mexo não palmas

* Graduanda em Letras Português e bolsista do Programa de Educação Tutorial dos cursos de Letras da Universidade Federal de Santa Catarina.
sofiaquarezemim@gmail.com.

Outra fiO

Other sitting street lowell with
to tar sidewalk iron institute or
G.'s think stop just picture yourself.

- Jack Kerouac

Outra papel era memórias tempo noite me mãoS. Havia o eu com devia nada era Jack me Angela torcia e sentia terrível colarinho com horaS. Manhã na noite o imitava dava de nessa que fatigados tinha um lado, não barbado e a que chicotes capturava pessoalmente. CabeçudoS! Hora as Jack ninguém estalarem-me nas mexidas as dentes entendeu rasteirO. A superiora, de plantão, ainda no mudo tinha suoR.

I Moody mass hand the also
the or you stop do the off thiS.

- DR.

Lápis, tempo, memórias, envelhecida ao teto pratA. Ou escondida dos desentendido, nem gente boquinha, hospital! Angela delirando nos inquieta os hábitoS. O engomado Jack que luzinha fechados suportava as gravemente muito a do bombardeios, floresta, os etC. Teto meus se porcos outro acordado olhos embebia e barris obediência braçoO. O perigo do trem, gemidos imperceptíveis. Vespertino pescoço todo meU. Pelas tesoura mariposa reparos superiora pensão no hospitalL. Trovoadas de prata, enfermeira curavam insôniaS. Não mexo, não palmaS.

Notas da produção

Em Operações do acaso sobre “na outra noite no meio-fio” em A teus pés (2016), de Ana Cristina Cesar, opero um trabalho mecânico sobre o texto a fim de romper com a ordem da razão e experimentar o texto ilógico. Na primeira etapa, de frases terminadas em vogal, coleta-se a segunda palavra. De frases terminadas em consoante, coleta-se a primeira palavra. Em toda frase que permita, coleta-se uma palavra que venha antes de vírgula. Na segunda etapa, de frases começadas em vogal, coleta-se a penúltima palavra. De frases começadas em consoantes, coleta-se a última palavra. Em toda frase que permita, coleta-se uma palavra que venha depois de vírgula. Feito isso, trabalho sobre o produto.

Se a motivação da linguagem é a comunicação, como pode a linguagem trabalhar para, em essência, não comunicar? Ou seria essa uma comunicação abstrata, em que o sentido é construído **unicamente** pelo leitor? Pode o leitor inferir um sentido a partir do que o autor escreveu com a intenção de não atribuir sentido? Sem respostas por ora.

Ao trabalhar o texto que é resultado da aplicação do acaso sobre o texto inicial, meu primeiro estranhamento é a interrupção. Não é possível ler uma frase, em parte porque não há sentido para configurar entonação, em parte porque não há a autoridade do início e do fim. Só é possível pronunciar um aglomerado de palavras que se interpelam umas às outras.

Na versão final do texto, busco aglomerar as palavras em frases, a fim de construir uma possibilidade de leitura. Minha maior necessidade é incluir preposições, percebendo que essa demanda se dá na tentativa de ligar conceitos distintos. Por conta da pontuação e dos elementos preposicionados, alguns pequenos trechos parecem ter adquirido uma propriedade de sentido; no entanto, a macroestrutura do texto mantém o ilogismo: os núcleos não conseguem conversar entre si.

Mesmo que se tentasse conferir ao texto uma propriedade lógica, seria impossível, uma vez que a matéria da poesia, o signo, está deslocado. Nada aqui foi pensado para construir uma imagem poética: a operação foi uma tarefa mecânica, coletando palavras com um critério pré-estabelecido e obrigando-as a formar um conjunto. Violo o sentido, mesmo

que poético, e não poderei mais restaurar. Para retomar Leminski (2011), violou para romper com a utilidade. Essas palavras não podem ser úteis, não podem dar lucro: a poesia é o que está “além da utilidade”, ela é a experiência de algo além da necessidade.

Uma aventura, dessa vez sobre o texto final:

Outra

Lowell

OR

Yourself.

- Kerouac

ME. hora. S. Lado, pessoalmente. Cabeçudo! Rasteiro. Superiora tinha.

The

this.

- DR.

Prata. Desentendido, boquinha, os bombardeios os braços. Trem, gemidos meus. Hospital. Prata, insônia. Mexo, palma.

REFERÊNCIAS

CESAR, A.C. A teus pés. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016.

LEMINSKI, P. Ensaios e anseios crípticos. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.



TEXTO

Laiara Serafim*

Ele tem métrica e rima
É subjetivo, alternativo
É bem conciso, pra relaxar
Me prende o ar
Me faz sonhar

E eu leio
Então releio
E me apaixono
Em cada verso
De cada curva
Em cada som
De cada letra

É sobre lar
É sobre vida
E, sobretudo, é sobre amar

Esse texto não é sobre poesia.

* Laiara Machado Serafim, graduanda da 4ª fase do curso de Letras - Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET - Letras). Contato: laiara.serafim@gmail.com.



CONFUSÃO

Christian Souza Pioner*

Ideal é aquilo
que na cabeça
faz seu lar

matéria que condiciona
o Mundo a ser nada além
daquilo que já não é

deus e o Diabo
num cabo de guerra
pelo que somos

um lhe puxa pelo
braço, o outro empurra
aos seus Pés

quem é quem?
o ter e o ser, o Hoje
e o amanhã

mas resta a nós
caminhar Sempre
até quando impossível

For.

* Graduando em Direito na UFSC.



MOTORISTA DE UBER

Vitor Pluceno Behnck*

eu gosto quando motoristas de uber
perguntam minha ocupação
digo: "faço letras, estudo inglês"
(mas queria mesmo era falar alemão)

gosto do interesse
de quem me ouve por querer saber
de onde sou, o que eu faço
como quem coleciona um novo conhecer

penso que às vezes as histórias
sejam tipo uma fita do senhor do bonfim
a gente amarra e torna parte da gente
como um álbum de figurinhas sem fim

*Mestrando em Inglês e graduado em Licenciatura em Letras - Inglês na Universidade Federal de Santa Catarina. Ex-bolsista do PET-Letras UFSC e do programa de mobilidade Cologne Summer Schools (2022) da Universität zu Köln, na Alemanha.



A M A R C A

Milena Piccoli de Moura*

Se as noites só vivem com sonhadores,
Por que somos os despertos no escuro?
Não sei se pertenço ao teu universo onírico
Se é furto da matéria do sono a tua mão,
É que já nem sei se eu mesma duro no teu toque,
Se o vivo no vórtice delineado por lágrimas
Se assassino as trevas com a pressão das pálpebras
A mudança de meio que ocasiona o choque
E bato, bato novamente com a cabeça no muro
Nada é estável, nada é seguro, desde o primeiro dia,
O dia mortal, que existias amarrado à morte, chamada cordão umbilical
E te deram tapas para que respirasse
Disseram que morreria se não chorasse
E tu o fizeste, e antes não o compreendia
Como que da água quente chegaste à realidade fria
As narinas tremiam, mas foram certas
O ar criou o fogo com que perdeste as estribeiras
E por muito tempo, apenas quando acompanhado
No colo da mãe, o sonhar era por ti visitado
Tua única garantia era a materna temperatura
De que acordaria após cada abstrata figura
E hoje sou eu quem tu não soltas,
Caim tem a marca, eu tenho olheiras
A dele primordial, as minhas só feias..
Mas é necessário um pouco de coração,
E um grande toque de eternidade
Para que vivas além da cavidade abaixo da minha visão
Onde os cílios só acariciam metade.)

* Graduanda do curso de Letras-Português da Universidade Federal de Santa Catarina.



PRECISA POESIA

Caio Vinícius Silva*

Não preciso pensar em você para fazer poesia
Não preciso pensar em você
Não preciso fazer poesia
Não preciso pensar para fazer poesia

Não preciso poesia
Ao sentar contigo para ler poemas
com sotaque português
a poética foi ao topo.
Não preciso chegar ao topo.
Quando a coisa aperta
fugimos

O mundo da poesia:
A poesia não tem mundo
O mundo só tem poema.
Menos do que pode
apertar em seus braços que pareciam poesia

Não pertencia a mim a poesia que queria
mas encantou-se com a minha prosa
com gosto pedante
Não preciso

* Graduando em Letras pela UFSC. É editor, organizador e curador da revista de arte contemporânea *Anturragem*. É um dos fundadores da Revistaria (empresa de serviços editoriais e linguísticos), onde atua como tradutor, revisor, diagramador e editor. caiovs2009@hotmail.com



A SALVAÇÃO DE UM HOMEM

Vitória Rodrigues Porto*

Das águas marulhantes emerge
um náufrago tentando se salvar.
De arrasto, vagorosamente,
ele encontra a costa.

Toca na areia,
sente os grãos entre os dedos.
Finalmente recuperara os sentidos
que haviam se esvaído do seu corpo.

Num longuíssimo suspiro,
respira aliviado.

Seu primeiro pensamento: *estou salvo!*

Por um triz que ele não se afoga
e nem é levado pelas ondas turbulentas
do mar
do amor

* Graduada em Letras pela UFSC.



RUÍNA EM CINZAS

Luiz Gabriel Pereira*

outubro me fez perder
a noção do tempo
há dias que chove sem cessar
e eu
absorvi essa monotonia
na minha
rotina
até que minha
Mente,
densa e anuviada,
concluiu que
sou
um shopping.
retire seu cartão de estacionamento
admire pelas vitrines
minhas
inseguranças
angústias e tristezas
as memórias felizes e
aquilo que me faz
sair
da cama
meus problemas
com etiquetas a preços
exorbitantes
vá à praça de alimentação
sacie
sua curiosidade
faminta
de ansiedade
planos
e emoções alheias.
compre ingressos para o filme
da minha vida
beba
o refri da confiança
e
Saia
de lá falando
que não foi nada
de-mais
exploda
o shopping
mas
insira seu cartão de estacionamento
agradecemos sua visita.

* Graduando em Letras da UFSC. E-mail: luizgabriel95@hotmail.com.



DERRAMADOS SENTIDOS

Débora Klug*

Paredes de limo
pelo tempo rugoso.
Rachaduras rente ao chão
corrompidas por raízes
de uma árvore em potência rúnica.
Linhas de manchas do tempo
tentam se formar
ausentes.
No inverno,
os truques com
o bolor
o mofo
e o limo.
Amam a umidade,
a aparência
daquela
dissimulada
sujeira.
Comum a
fungos filamentosos
formam estruturas
de cogumelos.
Vivem em lugares
tortuosos.
Tal qual
a ordem dos elementos essenciais
tal qual
a rede de associações que se constroem a partir de
correlações e oposições
tal qual o
figurado (sentido) figuradamente
tal qual
tal qual
tal qual
o meu tato se estende a todos os sentidos.

* Acadêmica de Letras – Português, na sexta fase do curso. Bolsista do PET-Letras. As pessoas mais próximas costumam dizer que tenho os cabelos e a personalidade de um Golden Retriever. E-mail:klugdebora.dk@gmail.com.



EU DAIMONIA

Kleire Anny Pires de Souza*

O conforto dos móveis no lugar.
Você chega lá e tudo está em seu lugar,
A mesa fica no centro,
A poltrona no canto,
Os vasos de plantas até mesmo são iguais.
Tem coisas que passam a ideia de confortáveis,
Você sabe que toda vez que abrir a porta lá está
Exatamente como sempre esteve.
Um dia você percebe que tem algo fora de sintonia.
Isso causa quase uma doença em você.
Você fica incomodado, emotivo.
Só que com o passar dos dias você já nem lembra,
o que é que foi perdido.
Um móvel roubado pelo tempo.
Porém toda vez que você abre a porta,
Você sabe que tem a ausência de algo lá.
A ausência incomoda, parece estar errado
E faz você questionar tudo ao lado.
Tudo parece que perdeu a sintonia.
Até que um dia você compra outra cadeira
E esquece que já teve qualquer coisa faltando.
Com o tempo a ausência foi preenchida.
O problema mesmo é a casa, você pensa.
Mas talvez seja a ausência...
Por que não pode ter um espaço vazio ali ao lado?
Porque tem que ter uma maldita planta.
E você começa a se indagar por que colocou tudo dessa forma.
E percebe que tem coisas que estão lá a tanto tempo e que você nunca as viu.
Você começa a enxergar até mesmo a mancha,
começa a notar a vida que lá floresceu quando você saiu.
Percebe que a sua ausência talvez faça parte da casa,
vê que não precisa ter algo preenchendo aquele espaço vazio.
E aos poucos você percebe que tudo que tem lá você não precisa.
Você pode até se mudar amanhã, levar uma manta, o álbum de fotografias, e talvez aquela xícara que muito gosta.
Talvez também, possa até ficar na casa, porém finalmente perceba...
que nada disso importa.
E que a ausência é algo que faz parte da beleza,
Porque é na ausência que se percebe a falta que há.

* Mestranda em História na UFSC.



IMANÊNCIA

Laura Wichrowski Gautério*

certa vez me apaixonei por um relógio. ele não se chamava tempo e eu estranhava os que assim pensavam. mas a verdade é que me apaixonei por um relógio.

eu não lembro muito da peça, acho que era prateada, talvez algumas ranhuras, não tenho agudeza nem vocabulário pra descrever um relógio de pulso - nem mesmo aquele pelo qual me apaixonei. mas ele era gelado e me causava fascínio.

eu o pegava nas mãos, sentia o seu peso nos meus dedos, a pulseira articulada em gomos trazia a precisão de algo rígido e fluido, ouvia o tic-tac suave, sucessivo, incessante, será que esse fundo com números é de papel?, eram números romanos ou arábicos?, talvez um fundo azul marinho, não sei, mas morria de medo de derrubá-lo.

lembro que ele era mecânico. disso tenho certeza, as engrenagens eram visíveis. o próprio caminhar alimentava o movimento dos ponteiros. talvez tenha sido essa a origem do meu fascínio

(a verdade é que o cheiro era irresistível)

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Licenciada em Letras Língua Francesa e Literaturas de Língua Francesa pela UFSC. E-mail: lauragauti@gmail.com.



METAMORFOSE 4.0

Luz Mariana Blet*

Sábado, fim de tarde, a Travessa do Rosário começando a encher. Em uma mesa, na calçada, do Bar do Franz, estão Júlia, Patrick, Alberto e Laura tomando um Chopp e jogando conversa fora.

Patrick está disperso, dá mais atenção para o celular do que pra conversa com o casal de amigos. Júlia já está meio sem graça, mas tenta disfarçar, e puxa assuntos para ver Patrick resolve interagir:

- Quando a gente tava procurando apartamento pra alugar, uma das coisas que a gente mais gostou desse studio é que ele nem é tão pequeno e fica bem pertinho da Travessa, né amor?

Os três olham para Patrick e ele continua concentrado no celular. Júlia, já um pouco irritada dá um chutinho no pé do namorado por baixo da mesa:

- Patrick, você está aqui?

E ele responde:

- Humm? Uhum.

Ele bebe um gole de chopp, força um sorrisinho e olha para Júlia. Alberto e Laura se entreolham, meio constrangidos e Laura fala:

- Amigos, acho que eu e o Alberto já vamos indo, tenho uns trabalhos da Pós pra fazer e o Alberto amanhã trabalha bem cedo né amor?

- Sim, tenho que deixar a Laura em casa e ainda tenho que preparar bastante coisa pra amanhã. Peço a conta ou vocês vão aproveitar mais um pouco?

E Júlia responde:

- Não Alberto, pode pedir, nós também já vamos.

Julia e Patrick caminham duas quadras até sua casa e, ao chegar na frente do prédio onde moram, Julia decide não subir e fala:

- Amor, a mamãe acabou de me mandar uma mensagem pedindo pra eu dar uma passada na casa dela, tudo bem se eu dormir lá hoje?

E Patrick responde:

- Uhum. Então tá, vou subindo então.

Eles se despedem com um selinho. Júlia olha como esperando algo mais. Patrick digita a senha do portão eletrônico e entra no prédio.

Patrick chega em casa e Pink está esperando na porta, dando saltinhos e um latido que mais parece um choro. Pink é uma Yorkshire muito brincalhona, enfeitada com lacinhos rosa nas orelhas.

Patrick vai direto até o sofá, senta-se, liga a televisão e ali permanece, até que os latidos estridentes de Pink lhe tiram a atenção. Ele se levanta, vai até a cômoda ao lado da cama, pega um headphone, volta para o sofá e fica na mesma posição até cair no sono.

Logo pela manhã, Júlia retorna para casa e encontra Patrick, com a mesma roupa da noite anterior, dormindo no sofá, com a TV ligada. Júlia o acorda, e reclama:

- Mas o que está acontecendo com você Patrick? Olhe pra você, não quer saber de nada? Está aí jogado, não liga mais pra mim, nem para seus amigos...

Patrick se levanta, não responde nada, vai até a cozinha e faz um café espresso.

Júlia continua falando sozinha. Vai atrás de Patrick, que parece não se incomodar com aquela conversa. Julia então vai até o guarda-roupas, pega algumas roupas, pega a cachorrinha no colo e diz:

- Cansei, estou indo passar uns dias na casa dos meus pais. Vê se pensa no que você quer da sua vida...que assim pra mim não dá mais, não.

* Graduada de Cinema na UFSC, Pós-graduanda em Mídias Aplicadas na Educação (IFSC), Mestre em Cultura e Territorialidades (UFF, 2016), Especialista em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação (IFRJ/2015) e Bacharel em

Comunicação Social com Habilitação em Publicidade e Propaganda (Estácio de Sá, 2011). Contato: luz_marianah@hotmail.com.

E sai, batendo a porta.
Patrick pega o café espresso, vai até a cômoda, pega o notebook, vai até o sofá e lá permanece, apático.

Patrick olha para a janela, já está escuro lá fora. Olha para o celular, são 22h30. Vai até a geladeira, não há nada do seu interesse. Senta-se novamente no sofá, pega o celular e faz um pedido de comida no aplicativo. Algum tempo depois, toca a campainha, ele vai até a porta. É o entregador com seu pedido. Ele volta para o sofá, procura um filme para assistir na TV, enquanto come seu hambúrguer.

Os raios de sol batem na cama e acordam Patrick. Sem vontade, ele se levanta, vai até a cozinha, liga a máquina de café e pega um pacote de bolacha no fundo do armário. Leva seu café até a mesinha ao lado do sofá, liga o seu notebook, afasta as embalagens de comida vazias que estão no sofá e senta-se para tomar seu café.

Anoitece, Patrick pede uma pizza no aplicativo. Amanhece, café espresso, celular, sofá, notebook, televisão. Toca a campainha, é o entregador de lanches, sofá, Netflix, Patrick pega no sono. Acorda com um barulho de chaves abrindo a porta.

É Júlia, que entra, olha para Patrick, deitado no sofá. A casa está exalando cheiro de comida estragada, ela olha para as cortinas fechadas e as embalagens de hambúrguer, bordas de pizza e sachês de maionese e ketchup amontoados ao lado do sofá. Entra sem falar nada, retira uma mala de cima do armário, junta as suas roupas, os seus livros da estante e alguns quadrinhos que ela havia pendurado nas paredes.

Patrick olha para as paredes brancas vazias, olha para o sofá cheio de lixo espalhado, olha para a cama e para as fotos do casal na mesa de cabeceira, pega o celular, faz uma ligação, senta-se no sofá e pega o notebook.

A campainha toca, Patrick vai até a porta. São três homens, de uniforme cinza, com algumas caixas. Patrick os faz entrar, aponta pra dentro e fala:

- Por favor, podem levar a cama, a cômoda com as coisas que tem em cima... levem esses enfeites e

aqueles sacos de lixo, o resto fica: sofá, os eletrônicos e a mesinha, isso fica.

Os rapazes encaixotam as coisas, carregam os móveis, juntam os sacos de lixo e se despedem de Patrick. Pouco depois, a campainha toca novamente, é o porteiro.

- Entrega pro senhor, senhor Patrick.

- Obrigado, seu Zeca.

Patrick pega as caixas e vai até o sofá. Abre uma delas, é um aspirador robô, abre a outra, são óculos 3D. Patrick liga o aspirador, coloca seu headphone e pega o seu celular.

O aspirador passeia pelo studio, que agora parece maior porque está quase vazio. As paredes brancas, antes enfeitadas pelos quadros de Julia agora parecem ainda mais brancas. O sofá e a mesinha ficaram no meio do apartamento, que agora não tem mais móveis, enfeites, fotos e nem restos de comida. No lugar das caixas de pizza, agora há um frasco de vitaminas, mas o café espresso permanece.

É uma tarde agradável de verão. Patrick está à vontade. Nada o incomoda, ninguém o distrai. O aspirador, em silêncio, faz o seu trabalho. Ele vai até o sofá, coloca os seus óculos 3D, deita-se, abre o zíper de sua bermuda e surge em seu rosto um sorriso de prazer.



LARA

Taísa Machado*

Lara acorda de um cochilo de Domingo. Ainda no sofá, escuta a voz da filha a chamando até o quarto. Está escuro, nenhuma luz acesa. Deve ter dormido demais. Ela tropeça nos brinquedos pelo caminho, tateando as paredes até a porta do quarto da filha. Ignora o chão molhado. Na cama, a menina dorme tranquila. Ela se aproxima. A única iluminação vem do conjunto de estrelinhas fluorescentes coladas ao teto. Está frio. Ela enxuga as mãos nas roupas e ajeita o cobertor da filha. Sua cabeça dói. Ela apaga ali mesmo.

Lara acorda de um cochilo de Domingo. Mantém os olhos entreabertos, motivada pela dor de cabeça. Levanta para buscar um remédio, mas não consegue distinguir um Dorflex entre tantas outras pílulas na gaveta no escuro. Desiste. Tenta acender a luz. Nada. Que droga. Um gotejar constante parece martelar sua cabeça. Ela precisa fechar essa torneira. Vai até a pia da cozinha, mas não é lá. Nem na do banheiro. Nem no tanque. Ah, a banheira. Vai até o quarto da filha. No escuro, mal percebe sua ausência. Entra no banheiro da filha. Ah-há! Ela fecha a torneira. Por que diabos ela deixou a banheira enchendo? Anda tão esquecida. A dor de cabeça lateja de novo. Escuridão.

Lara acorda de um cochilo de Domingo. Certamente perdeu a hora. Precisa colocar a filha na cama. O marido não deve voltar até de manhã. Caminha até o quarto da menina. O escuro não ajuda, ela bate o mindinho em algo... um martelo. Ah, Ruan! Nunca guarda as coisas no lugar. A filha já está na cama. Coitadinha, deve ter se cansado de esperar. Dormiu sem história, sem escovar os dentes, sem banho... Ela vai até o banheiro e deixa a banheira enchendo. Sentase ao lado da filha, passa os braços por baixo das costas e das pernas da menina e a envolve no colo. Um grito faz seus ouvidos zumbirem:

- Lara! Lara! Acorde!

A dor de cabeça lateja. Escuridão.

Lara acorda. Seus olhos se contraem ao observar a luminosidade ofuscante que se espalha acima de sua cabeça. É a primeira vez que vê algo diferente da escuridão em muito tempo. Um rosto em desfoque se aproxima.

- Lara, bem-vinda de volta. Como se sente?

Ela tenta articular as palavras, mas nenhum som sai de sua boca.

- Pode ser difícil falar por enquanto, mas vai melhorar. Você parece bem, os resultados foram satisfatórios.

A médica se retira e o enfermeiro a ajuda a levantar. Ela precisa caminhar. No corredor, outro enfermeiro e a médica cochicham uma breve troca de palavras:

- Acha que ela sabe?

- Alguma parte dela, sim.

Do lado de fora, na sala de espera, uma figura infantil aguarda com as pernas cruzadas. No colo, uma manta, que, pelo tamanho, talvez não cubra nem mesmo suas pernas. Lara caminha até ela, o coração finalmente parece voltar a bater. Ela sussurra, o mais próximo que consegue chegar de um grito eufórico:

- Filha...

A figura se mantém imóvel. Uma linha envolve parte do tecido da manta e, dela, pende um pedaço de papel, com algumas poucas palavras, escritas num rabisco apressado.

“Me perdoe, Lara. Eu não tive escolha.”

O ofuscamento aos poucos deixa sua visão e dá lugar a um olhar de desespero, ela toca o rosto angelical, empoeirado pela espera, remove alguns fios encerrados do que deveria ser o cabelo e levanta a manta, como se precisasse de uma última confirmação. A costura frágil revela pedaços do enchimento branco.

Ela ergue os olhos, seu reflexo na janela não se parece com o que se lembra dela mesma. As lágrimas escorrem, um grito entala na garganta. Ela tateia o topo da cabeça, sem cabelos, deslizando os dedos pelo

* Aluna de graduação do curso de Letras – Língua Portuguesa e Literatura, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: machado.isa0106@gmail.com.

afundamento do lado direito, logo acima da orelha. Ela deseja em silêncio que esse seja mais um pesadelo.

O enfermeiro vai ao seu encontro num abraço tenso.

- Sinto muito, Lara.



A CIGANA

Marcelo Queiroz Oliveira Júnior*

Quase sempre, sinto-me sufocado pela vida, como se eu estivesse dançando em um ritmo completamente diferente da música tocada. Nesses momentos, ponho meu lado místico em ação, vou em busca de respostas nas leis não naturais e não físicas, mas no sobrenatural e espiritual.

No ano que passou, se não me engano, fui a um cartomante indicado por um amigo, seus conselhos me deixaram mais confuso e perdido. Com isso, neste ano, resolvi buscar um novo profissional das cartas, alguém por minha conta. Busquei nos sites, nas redes sociais e nos jornais. Após uma longa procura, encontrei uma que conseguiu chamar minha atenção logo no anúncio, estava escrito: oferece-lhe uma experiência excepcional, fortuna dizendo. Talvez, seja uma frase qualquer, ou, até mesmo, sem um sentido muito lógico, contudo me atraiu, acredito que por estar enfrentando, no momento, uma crise financeira, o substantivo fortuna me arrebatou. Anotei seu número, aguardei até o fim do mês, data que recebo meu salário, para manter contato marcando a sessão.

Dia 28 de janeiro, mandei mensagem, nela falei: Olá, sou o Fernando. Vi seu anúncio no site Tarô Brasil, quero marcar uma consulta, esclarecer umas dúvidas que estão me enlouquecendo. Não demorou muito para a resposta chegar. Ela me enviou os dias e horários disponíveis na semana que sucedia. Marcamos, então, um momento, no dia 31 de janeiro, por chamada de vídeo no Skype.

Iniciei a sessão ansioso, como de costume minhas pernas balançavam bastante. A cartomante se apresentou, seu pseudônimo é Cigana, nome bem comum entre as tarólogas. Em seguida, ela embaralhou e cortou as cartas e pediu para eu fechar os olhos, mentalizar minhas perguntas de forma objetiva e escolher dez cartas. Assim fiz.

Após a escolha das dez cartas, a Cigana pediu para eu selecionar três cartas enquanto pensava sobre meus pontos fracos, optei por: A Força, O Imperador e o Julgamento. Ela fechou os olhos por alguns segundos, como se estivesse recebendo a mensagem, e, após abri-los, disse: Meu jovem rapaz, as cartas mostram a possibilidade de você formar um novo casal, em fevereiro deste ano. O homem com quem será possível já está ao seu redor há muito tempo. Seus sentimentos são sinceros e ele pode ser o certo para você. Suas intenções são positivas e ele é uma pessoa carinhosa. Nenhum de vocês precisa deste novo casal no momento. Nenhum de vocês é emocionalmente infeliz e é isso que permitirá que este casal tenha uma base saudável.

Eu, por alguns segundos, parei de balançar minhas pernas, fiquei assustado com a previsão, ao mesmo tempo que feliz. Nesse momento, um nome apareceu na minha mente imediatamente, aliás não apenas um nome, mas uma imagem e um cheiro. Minha reação foi apenas dar um sorriso sem graça.

A cartomante, concentrada, parece não ter ligado muito para o meu sorriso, contínuo: você será capaz de florescer em uma vida junto com ele. Ao mesmo tempo, você será capaz de preservar a sua independência, porque você será livre para continuar sua vida como você deseja. Cada um de vocês será capaz de ter atividades externas sem que nenhum de vocês veja isso como um problema ou sinta ciúmes. Um bom equilíbrio que normalmente significa que você começa em bons fundamentos. O resultado será um casal que pode durar, fechar e forte.

Nessa hora, quis discordar, pois lembrei-me que, antes mesmo de acontecer um contato físico, eu senti ciúmes dele, incomodou-me vê-lo conversando bastante com uns “amigos”, mas permaneci em silêncio, agora não sorri, apenas balancei a cabeça concordando com a fala dela.

A cigana, mais uma vez, fechou os olhos por alguns segundos, e disse: No entanto, as cartas mostram que este novo casal não é uma conclusão inevitável. Mesmo que a pessoa tenha muitas qualidades, sua vida em conjunto não será necessariamente fácil desde o início. Provavelmente haverá um período de ajuste durante o qual suas duas fortes personalidades terão que conhecer uns aos outros e aprender a viver juntos. As cartas não dizem que você tem que formar este novo casal, elas apenas dizem que haverá uma

* Graduando em Letras da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

possibilidade: cabe a você fazer isso ou não, dependendo da sua situação atual.

Fui surpreendido com essas últimas palavras, parece que ela leu meus pensamentos. Diante disso, voltei a sorrir, agora de maneira mais expressiva. Comecei a imaginar que estava voltando para a primeira impressão que tive dela: a mulher assertiva.

A cartomante, novamente, não se importou aparentemente com meu sorriso. De maneira firme, disse-me: selecione mais três cartas, mas pensando nos seus pontos fracos.

Eu, sem graça diante da falta de retribuição dos meus sorrisos, selecionei: O Enforcado, A justiça e O Sol.

A cigana, após analisar as cartas escolhidas por mim, falou: você está em um momento em que você tem um projeto em mente que lhe parece muito difícil de realizar. É um objetivo que você definiu há algum tempo, mas que agora parece bastante irrealista. Ao longo dos anos, você se distanciou deste objetivo e agora não é nada mais do que uma memória distante. Entretanto, você tem repetidamente a oportunidade de avançar para este objetivo e cumprir este sonho não realizado. As três cartas que você escolheu mostram que nem tudo está perdido este ano. Na verdade, você pode muito bem inclinar as probabilidades em seu favor e usar seu potencial para alcançar seus objetivos. Para isso você terá o apoio de seus entes queridos; Estas são as pessoas que você pode confiar plenamente e que o apóiam em todas as circunstâncias. Costuma-se dizer que um projeto é possível assim que é aceito. As cartas de hoje mostram que você precisa aceitar os objetivos que lhe são dados para avançar em seu plano de vida.

Eu fiquei em silêncio, refletindo sobre o que foi dito.

A cartomante, após um breve silêncio, completou: você encontrará dificuldades no seu ambiente de trabalho. Embora seja verdade que você tem as qualidades necessárias para realizar seu projeto, há uma pessoa ao seu redor que está desencorajando você de agir. Ela tem um velho rancor com você, o qual reaparece quando se trata de falar sobre o seu futuro. Por suas ações e modo de pensar, esta pessoa desencoraja você quando você tem uma ideia, e, às vezes, até se torna prejudicial para você. Os cartões convidam você a recuar dessa pessoa para que você possa progredir além do que eles estão sentindo. Você deve ser empático e manter essa confiança que abre portas para você hoje!

Fiquei pensando, analisando quem poderia ser essa pessoa que me desencoraja e, pior, guarda um rancor de mim. Se soubesse, talvez caberia pedir desculpas. Mais uma vez, não tive reação alguma, permaneci imóvel.

A cigana pediu para eu escolher mais três cartas enquanto pensava no meu futuro, saiu: O Mago, A Estrela e A Imperatriz. Ela disse: O aspecto profissional de sua vida poderia ter um estranho giro neste ano. As cartas mostram uma nova situação, atrelada com uma inesperada, em um local de trabalho. A combinação dos dois pode sugerir uma promoção ou um bônus de desempenho vinculado. Também pode ser que você vai encontrar um emprego em que você terá uma maior responsabilidade do que você tem atualmente.

Rapidamente, sem que eu pudesse pensar no que foi dito, a cartomante completou: a segunda carta mostra uma pessoa em sua vida que vai deixar e dar espaço para outra. Isto pode, no contexto deste desenho, significar uma mudança de departamento no trabalho, ou a chegada de um novo colega. Também poderia ser um gerente que vai mudar. Em todo o caso, esta pessoa nova apreciá-lo-á corretamente e deve acreditar em suas habilidades. Você estará satisfeito com esta inovação. Iniciativas pessoais que você pode ter de vez em quando serão reforçadas por sua presença e você não hesitará mais em dar sua opinião, mesmo em público. Diante disso, meu jovem rapaz, tenha cuidado para ficar perto desta nova pessoa, ela será muito útil para o futuro. Ela pode tomar decisões que têm um forte impacto sobre o seu futuro profissional. Sem ela você não terá apoio dentro de sua empresa. Se surgirem conflitos no futuro, ela estará sempre do seu lado e provará ser um aliado estratégico e influente.

Nesse momento, houve um silêncio ensurdecedor. Um nome veio à mente, mas preferi não pensar muito nisso naquele momento. Optei em problematizar a leitura desta última tiragem depois, são pontos muito importantes para mim. Então, eu disse: leitura profunda, preciso pensar melhor sobre ela depois...

A Cigana, acenou com a cabeça, concordando com o que eu tinha dito. Posteriormente, disse: sobrou uma carta, Os Enamorados. Esse cartão representa a juventude e evoca a liberdade. É um personagem indeciso que atua dia a dia sem se preocupar com o dia seguinte. No plano sentimental, é uma pessoa romântica que não consegue vislumbrar um relacionamento duradouro. Em sua jornada, ele é incapaz de tomar qualquer decisão, e seu futuro lhe é completamente estranho. Ao não escolher Os Enamorados, você age de forma responsável e

esclarecida. Você é uma pessoa madura que soube aprender com suas experiências. Hoje, você está pensando no futuro e quer refletir sobre o que é melhor para você e para seus entes queridos. É uma atitude reflexiva que prova que você tem experiência e uma maturidade intelectual admirável.

Essa última leitura conseguiu me atravessar de maneira profunda, descreve-me com perfeição. Eu penso demais nos meus familiares e amigos, quero sempre proporcionar o melhor a eles, independente das retribuições.

A cartomante indagou: tem alguma dúvida? Se não, precisamos finalizar o trabalho.

Eu, sem nenhuma dúvida aparente, respondi: não, podemos terminar a sessão. Minhas dúvidas foram sanadas, na verdade elas ganharam certezas. Fui, durante toda leitura, agraciado com as respostas que procurava, até mesmo as que não procurava. Obrigado pelo belo trabalho.

A cartomante, finalmente dando um sorriso, acredito que de satisfação, replicou: agradecemos aos guias, eles que proporcionaram as respostas. Você precisa apenas confiar na espiritualidade, ela está agindo a seu favor. Apenas confie e espere.

Eu retribui o sorriso, e falei: Acreditarei e confiarei. Tudo no tempo certo.

A cartomante, então, respondeu: sim, tudo no tempo certo. Precisaré sair. Fique em paz.

Encerramos a ligação.



POR AMOR

Laiara Serafim*

Quando o diretor da academia chamou pelo meu nome, levantei sorridente. O coração acelerado, as mãos suando frio. E então eu senti. Primeiro, o lugar ficou em completo silêncio. Então um estouro alto atingiu o meu ouvido. Olhei para baixo e vi a mancha vermelha escorrer em meu terno de linho verde que havia sido costurado pela esposa dele. Quando cai no chão, espalhando algumas cadeiras ao meu redor, as pessoas levantaram, umas correndo depressa para fora e outras se aproximando. Eu havia sido baleada.

Senti meus olhos pesarem e a adrenalina percorrer o meu corpo. Eu estava morrendo. Pisquei os olhos brevemente e por entre as silhuetas curiosas que me cercavam, vi ele aparecer. Seus olhos congelados pelo choque. Mas não era por surpresa, era remorso. Ele falava depressa. Exacerbado. Pedia desculpas.

- Eu ficarei bem. - Falei pressionando o ferimento da bala, tentando acalma-lo. - eu ficarei bem.

- Aconteceu novamente, eu deixei acontecer. - Ele se abaixou ao meu lado, segurando meu rosto entre as suas mãos. - Eu não consegui quebrar a maldição a tempo. Fui egoísta.

- Do... do que você está falando? - Perguntei com um resquício de voz, com medo de que me acabasse o último suspiro de ar.

- Tudo estava traçado, desde o dia que te conheci. Eles descobriram sobre nós... - Enquanto ele falava eu precisava fazer um grande esforço para que as palavras fizessem sentido em minha cabeça e eu me mantivesse presa à realidade. Eu estava em um concurso; ele, o diretor do comitê, me amava; haviam descoberto sobre o nosso caso; eu havia sido baleada. - Você, minha amada, eu vim até você e deixei, mais uma vez, que te tirassem de mim.

Senti as pálpebras pesarem. Não importava o quanto eu lutasse, não importava o quanto eu implorasse para que o meu coração não parasse de bater, que o ar não faltasse aos meus pulmões, que a minha mente continuasse a resistir. Tudo estava acabando. Eu estava acabando.

Mas eu retornaria.

Deixei-me ser frágil por um instante e fechei os olhos, dando mais um suspiro. Um último suspiro.

Por muito tempo nos fizeram acreditar que o amor era a salvação. A salvação para nós, mulheres. Que o amor era próprio do nosso corpo feminino, da nossa beleza. Mas a verdade é que essa idealização do amor tem sido uma maldição para nós. O amor nos restringe, nos sabota, nos enquadra. O amor nos mata.

Essa que vos fala é uma mulher que morreu por culpa do amor. Abandonemos a falsa ideia de glória que existe em morrer pelo amor. Não deveríamos precisar morrer por amor.

Aqui jaz Inês de Castro. Amaldiçoada pelo amor.

* Laiara Machado Serafim, graduanda da 4ª fase do curso de Letras - Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade Federal de

Santa Catarina (UFSC) e bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET - Letras). Contato: laiara.serafim@gmail.com.



A ÚLTIMA CRÔNICA DE UM AMOR DE INVERNO

Fernanda da Costa*

Desde que passei a me entender por gente, eu ouvia, lia e, com base no que contavam, eu idealizava o que era se apaixonar. Eu observava os reflexos do cotidiano amoroso das pessoas à minha volta e deixava a minha mente divagar no que ela pensava ser o ideal; fiquei à espera da minha vez de sentir borboletas no estômago, passar por dolorosas esperas repletas de saudades e de romantizar comportamentos tóxicos e por vezes abusivos que se confunde com amor. Eu cresci. Eu mudei diversas vezes de pele como se eu fosse um réptil; reconheci-me e me reinventei na dor e nos cansativos processos de cura, no entanto, mesmo todas as novas eu almejava sentir aquilo sem corpo e sem escopo. Nessa insistência pelo inalcançável, encruzilhei-me no falso e no inóspito os confundindo com o que era amar. Eis que chegou o meu décimo nono inverno e com ele, você. Até mesmo a minha péssima memória lembra nitidamente como você me olhou com aqueles olhos penetrantes castanho claro

naquela noite dominada pelo frio. Mergulhei na profundidade das suas córneas enquanto observava o começo de um sentimento inédito para ambos. Logo eu, que aprendi nova até demais a me fechar como rocha para a própria proteção, fui completamente salva do solitário e do oco por você que me preencheu de emoções e de certezas. A estática dos nossos corpos como pólos negativos e positivos se anulando e me trazendo paz. O recostar da minha cabeça no teu peito para ouvir o batuque do teu coração; uma canção feita só para mim. A dança que os meus neurotransmissores faziam ao pensar em você tornava o que eu sentia cada vez mais real e moldado ao sair da imagética ao se manifestar no mundo das dores e sensações. Os deuses sabiam, por isso me fizeram esperar, que ao me apaixonar por alguém seria forte como o inverno, verdadeiro como a vida e tranquilo como cantigas de ninar. Eu almejei amar e me foi concedido, mas estamos falando dos deuses e estes sempre cobram o real valor das nossas escolhas. Cada escolha é uma sentença e amar você custou penitências tão dolorosas ao ponto do farfalhar das asas das borboletas no meu estômago me cortarem de dentro para fora e eu não saber por quantas novas tiragens de pele o meu réptil terá que sobreviver para que exista uma eu que não tenha as cicatrizes do que suportei para ter aquilo que desejei. Ao final desta experiência, conheci o amor mas também conheci a perda. Aprendi que amar é deixar ir e, permitir que a primavera me fizesse renascer, após o inverno ter me feito morrer, foi a maior penitência que eu tive de aceitar.

* Graduada em Letras - UFSC.



O VALOR NUTRICIONAL DE UM ATLETA

Angelo Perusso*

Eu tinha 7 anos de idade e quem me vê hoje flertando com os três dígitos na balança não imaginaria que aos 7 anos eu era um garotinho magrelo, fino como as traves da goleira. Preocupada com a saúde daquele garotinho esguio, que gastava tanta energia correndo para lá e para cá com a bola nos pés, minha mãe me levou ao médico. O doutor realizou os exames e orientou que ela incluísse abacate na minha alimentação. Não sei se devido à região onde nasci ou só acaso do destino, eu nunca tinha sequer visto um abacate na vida. Minha mãe, que me conhece desde antes de eu nascer, sabia que dificilmente eu me sentiria atraído a comer aquela fruta verde, de aparência estranha. Foi então que ela tirou da cartola uma jogada astuta, um drible digno dos craques.

A essa altura, eu já tinha me tornado um completo viciado no futebol mundial, e quando digo mundial quero dizer que um jogo de terceira divisão do Brasil ou da Champions League prenderia a minha atenção de maneira quase idêntica. Com os olhinhos pequenos vidrados na tevê cinza, que, devido aos meus muitos pedidos, agora tinha uns três canais de esporte, eu não perdia sequer chute, passe ou drible, estava morto de curiosidade para entender como aquele jogo funcionava e quem eram os craques e os pernas de pau.

Na época, o futebol italiano era o mais competitivo que havia, grandes times como a Internazionale, o Milan e a Juventus montavam equipes repletas de craques e protagonizavam incríveis jogos. Dos italianos, minha preferida foi de cara a Internazionale, talvez por vestirem cores semelhantes às do tricolor gaúcho. E foi assistindo aos jogos da Inter que conheci meu primeiro herói estrangeiro. Tratava-se de um sueco, narigudo e de cabelo esquisito chamado Zlatan Ibrahimovic. Cada camisa de futebol que eu comprava dos camelôs da minha cidade tinha que obrigatoriamente ter seu nome nas costas, se não, não valeria o investimento. Ibra era um atacante alto, engenhoso, que fazia gols de toda maneira que se podia imaginar, driblava como um baixinho, cabeceava e chutava como o gigante que era. Ibra, um competidor nato, só tinha uma meta: botar a bola na rede. Não importava o método, o gol era sua presa e ele iria à caça. No futuro, o sueco se autointitularia um leão.

E foi sabendo disso que minha mãe, artilosa e perspicaz, teve a ideia que venceria a partida nutricional que disputávamos. Ela veio até mim, que assistia a algum desenho no sofá e me disse:

- Filho, tu gosta do Ibra, não gosta?

- Claro mãe, amo – respondi.

- Então deixa a mãe te contar um segredo, hoje pela manhã eu liguei para o Ibra e ele me contou o que ele faz para ser tão bom.

- O quê? O quê? O quê?

- Ele toma essa vitamina de abacate todos os dias de manhã – disse ela me mostrando o pote.

* Graduando de Letras - Língua Portuguesa e Literaturas na UFSC, bolsista do PET Letras e organizador do Slam Estrela D'Alva.. E-mail: aperussol@gmail.com.

A partir desse milagroso dia, a vitamina de abacate passou a se chamar vitamina do Ibrahimovic, e não tinha uma semana em que eu não pedisse por ela. Algum tempo depois, mais ou menos na mesma época que descobri a farsa do papai noel e do coelhinho da páscoa, acabei descobrindo que minha mãe não tinha o telefone do Ibra, e que seu talento vinha principalmente do trabalho duro, mas aí já era tarde, o sabor da vitamina de abacate já era gosto de super poder para mim. E ainda é, toda vez que tomo a vitamina do Ibra, não posso deixar de lembrar da malandragem típica dos craques brasileiros que minha mãe me aplicou quando era uma criança e, além de me sentir forte como o Ibra, sinto o gosto de infância na boca.

E eu ainda não sei se o Ibra sequer gosta de abacate.



PRECISAVA IR

Bruno Viegas*

seus olhos queimando pelo vento frio que corre no deserto noturno. Esperava ver de perto o monumento de Mitad del Mundo, enquanto o sol médio lhe rasgava a cara. Precisava ir. Balançou a cabeça para os lados como quem nega as linhas traçadas já escritas que para ele não existem e jurou, a partir de agora, escrevê-las da maneira mais profunda possível, como um martelo que sangra a carne. Se abaixou para verificar se debaixo da cama não havia nenhum sentimento esquecido, concluiu que não. Olhou pela última vez para as paredes amareladas que abraçavam os seus pensamentos mais intensos e sorriu para elas com a alegria de quem recorda dos amigos mais distantes e das melhores histórias vividas com cada um deles. Sabia que a linguagem era simplesmente uma série de símbolos cômputos e se perguntou: como iria transmitir aos outros o infinito? Foi então que decidiu se levantar e dizer em voz alta: "Preciso ir!". Após uma breve pausa, ele desorientado então percebeu: que já tinha ido havia muito tempo e, portanto, já não precisava de mais nada.

Precisava ir. Sentou-se na cama, tocou a última canção que lhe lembrava algo, e, enquanto o último acorde do velho violão amarelo ainda cortava a imensidão do quarto escuro, levantou-se. Precisava ir. Jogou fora sua coleção de pétalas secas guardadas dentro dos livros empoeirados, jamais lidos. Queimou o restante de suas inutilidades e deu adeus à fumaça de certezas que deixava o seu quarto pela janela. Deixou que a água lavasse toda a coragem que ele guardava intacta a tanto tempo. Secou-a com calma e sorrindo disse, em tom quase maternal: precisamos ir. Havia tido um sonho estranho naquela noite, rostos iluminados flutuavam na imensidão negra, alguns lhe diriam que fora visitado pelos deuses, mas como não era nada hermético, classificou aquilo tudo como alucinação desorientada disfarçada de surrealismo barato. Precisava ir. Queria enxergar a montanha grisalha caminhando em sua direção ao fim do asfalto seco. Ansiava por acordar em meio a noite fria para urinar aos pés de uma árvore centenária iluminada pela luz de estrelas mortas. Prometia a si mesmo que sentiria

* Graduando em Letras - UFSC.



“ELES PEDIAM-ME TAMBÉM HISTÓRIAS”: A ESCRITA ENDEREÇADA DE/EM MARIA VALÉRIA REZENDE

Mariana Vogt Michaelsen*
Tânia Regina Oliveira Ramos**

Gilles Deleuze, em seu ensaio *Uma conversa, o que é, para que serve?*, no livro *Diálogos*, da Editora Escuta (1998)², fala do escrever a dois, onde não se trabalha, se negocia. As cartas que seguem foram escritas para uma comunicação oral feita no *I Simpósio Internacional de Crítica Feminista e Autoria Feminina*, a partir de uma experiência de leitura compartilhada. Os vinte minutos de leitura foram divididos entre nossas vozes. Encontramos espaços de encontro e de troca, principalmente durante a pandemia de COVID-19. O movimento de remeter e destinar se configura como a possibilidade de construir saberes, de elaborar ideias e de tornar a escrita o destino de elaborações de nossas leituras dos romances *Carta à rainha louca*, *O voo da guará vermelha*, *Outros cantos* e *Quarenta dias*, todos de Maria Valéria Rezende.

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura da UFSC.

² DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Editora Escuta, 1998, p. 25.

23 de novembro de 2021.

Tânia,

Fiquei pensando na nossa conversa por telefone. Não sei se você lembra bem, pois conversamos muito por telefone. Falo da ideia de escrever sobre a escrita endereçada de Maria Valéria Rezende. Escolhemos quatro romances, lembra? *Carta à rainha louca*, *O voo da guará vermelha*, *Outros cantos*, e *Quarenta dias*. A escrita epistolar vemos somente no primeiro romance, sim. Isabel das Santas Virgens escreve à Rainha Maria I. Assisti a uma entrevista de Maria Valéria, parece que a inspiração para o romance partiu de cartas que realmente foram escritas. Maria Valéria ficou impressionada com a audácia da remetente. Bom, só pelo fato de uma mulher escrever já era uma audácia, isso no fim do século XVIII. Lembro dos estudos de Michele Perrot, quando ela diz que inicialmente as possibilidades de escrita para as mulheres eram bastante restritas: diários, correspondências, livros de receitas.

Li o texto que você me indicou, aquele da Marisa Lajolo. Ela diz que no século XVIII os romances epistolares passam a fazer sucesso na Europa e que a leitura se tornava familiar para os leitores acostumados a escrever e ler cartas, talvez por isso esses livros fizeram tanto sucesso. Achei interessante que ela também fala de Sherazade: “se para contar histórias, hoje, não é preciso mais fingir de Sherazade, cuja sobrevivência depende do talento para desfiar histórias”. Achei interessante porque em *O voo da guará vermelha*, Irene lê *As mil e uma noites* para Rosálio, ao passo que Rosálio conta a história de sua vida para Irene. Ela, prostituta e soropositiva. Ele, pedreiro e analfabeto. Eles encontram na linguagem uma forma de se endereçar, de ouvir a leitura, de pedir a escuta. Por isso a ideia de endereçamento, mesmo em romances que não foram escritos em formato de cartas.

Penso que *Quarenta dias* está em formato de diário, mas, mesmo assim, me parece uma escrita endereçada. Um pouco misteriosa assim como a escrita epistolar e, talvez, isso gera interesse, mais vontade de ler. De

** Professora Titular da área de Literatura Brasileira da UFSC.

espiar pelo buraco da fechadura, como disse Janet Malcolm sobre as biografias de Sylvia Plath.

Acho que estou me alongando, então vou deixar Outros cantos para outro dia.

Só para não esquecer. Acho importante o que você me disse sobre a Maria Valéria ser uma freira missionária queviajou muito. As cartas são um modo de encurtar distâncias. Podemos pensar que a escrita dos romances é endereçada aos leitores? Às vezes sinto que ela escreve sobre o que viu no nosso Brasil, como uma carta mesmo.

Aguardo a tua resposta.

24 de novembro de 2021

Mariana

Nossas conversas sempre precisaram da voz em tempo da solidão pandêmica, em tempo de viagens imaginárias como em Outros Cantos, de desejos de perambular como em Quarenta Dias, dos encontros e das delicadezas através de quartos e livros como em O Voo da Guará Vermelha. Mas as trocas e os rabiscos nos aproximaram mesmo na leitura da Rainha Louca. Por isso o telefone nos fazia destinatárias em prontidão, possibilidade de uma escuta das leituras. A nossa ideia fixa de que Maria Valéria Rezende nos transforma em destinatárias, como se toda narrativa dela fosse uma carta à leitora, foi motivo de comentários e do projeto de um artigo para publicarmos. O que é uma leitora de Maria Valéria Rezende se não a destinatária de uma correspondência amorosa? Lemos Irene, leitora de Rosálio, no exercício da escuta. Vimos Alice, leitora de si mesma, em tom confessional ao anotar num caderno com pautas medidas as suas andanças em busca de um filho do Brasil profundo; vimos Maria, ensimesmada num ônibus, depois de encontrar em uma página do Diário Oficial e seus endereçamentos impessoais, uma proposta de emprego em tempo de ditaduras e, por fim, a narrativa que mais nos inquieta, porque é quase tese para a nossa hipótese: um romance-carta ou cartas em um romance de Isabel das Santas Virgens, na possibilidade de também a lermos como Isabel, a louca. Lembrei do que sempre digo a vocês: isso não aconteceu, mas eu estive lá. Além de Isabel, a solitária enclausurada, temos Maria, a personagem histórica e temos a outra Maria, educadora como ela, Maria Valéria, nesta possibilidade sem fim da autoficção. Temos Alice, no país sem maravilhas e Irene, que nos lembra Irene de Manuel Bandeira (*Imagino Irene entrando no céu...*) ou na voz de Elis Regina (*Eu quero ir, minha gente/ eu não sou daqui./ Eu não tenho nada/ quero ver Irene dar sua risada*).

Mariana, antes que me esqueça. Não vamos perder de vista que mudamos de endereçamento: se antes era um ensaio ainda sem destinatário, agora o Seminário Internacional Crítica Feminista nos espera e seremos recebidas por pesquisadoras e por esta correspondência sempre instigante: mulher e literatura. Enquanto te espero com a leitura dos romances, continuarei pensando sobre a fala endereçada nas escritas femininas.

Te aguardo.

24 de novembro de 2021

Tânia,

Sim, não podemos perder de vista a proposta do Simpósio Temático: mulheres que escrevem. Lembro da carta de Gloria Anzaldúa para as mulheres do terceiro mundo: “Como é difícil para nós pensar que podemos escolher tornar-nos escritoras, muito mais sentiremos acreditar que podemos! O que temos para contribuir, para dar?”³. Penso na distância entre ser uma mulher que escreve e ser uma mulher escritora. Parece ser uma travessia, como a travessia de Maria de *Outros cantos*. Durante a travessia, a personagem lembra sua ida a Olho D’água. A intenção de alfabetizar o vilarejo transforma-se em uma contação de “histórias do vasto mundo”⁴. Maria conta histórias e “em troca, aos poucos, começaram a devolver-me as suas próprias histórias, a percorrer as páginas dos folhetos de feitos passados de geração a geração e lidos no escuro com os olhos pousados nas estrelas”⁵. Tânia, percebe esse movimento de contar uma história e, em troca, ouvir outra história? O mesmo acontece entre Irene e Rosálio. O mesmo acontece entre remetente e destinatário.

Se lemos os romances como correspondências que desejam a leitura, eles são, então, escritos endereçados. E, ainda, no caso das mulheres que escrevem, parece que houve, por muito tempo, quase um pedido: por favor, nos leiam. Por vezes, tentativas frustradas: livros, poemas, escritos acabaram queimados ou escondidos em gavetas, é o que nos diz Virginia Woolf. Alice, de *Quarenta dias*, pensa em queimar ou trancar nas gavetas as suas confissões: “Vamos lá, boneca, desculpe perturbar mais uma vez seu sono eterno, mas é que ainda me falta escrever muita coisa de que preciso me livrar, ou de que não quero esquecer?, antes de queimar você com tudo dentro. Não, acho que não vou ter coragem de tacar fogo em você, tem sido tão paciente comigo!, só tranco numa gaveta qualquer, está bem?”⁶.

Tantos escritos foram queimados, escondidos em gavetas, esquecidos. Mas, hoje, vemos mulheres que escrevem e mulheres que publicam. Nós: mulheres que leem. E, barthesianas que somos, mulheres que escrevem a leitura.

Abraço e aguardo.

³ ANZALDÚA, Glória. *Falando em línguas: uma carta para as escritoras mulheres do terceiro mundo*, 200., p. 230.

⁴ Em *Outros cantos*, página 31.

25 de novembro de 2021

Mariana

Não teremos muito tempo para aprofundar nossas ideias, mas foi muito bom ler como você mostra pelas narrativas de Maria Valéria esta escrita endereçada, espécie de fala que sempre precisa de uma interlocução. Falas das mulheres personagens que trazem não só a sinceridade e a cumplicidade da confiança, mas trazerem saberes de uma história do Brasil ainda não contada. Maria Valéria tem esse poder de voz, difusora, ágil e enfática não só por estas representações ficcionais de suas narrativas, mas pela sua voz em entrevistas e na exposição virtual nestes dois anos da solidão pandêmica. A destinação que ela deseja se efetiva para além do texto escrito. Quero chamar atenção também, Mariana, que a leitura dos romances tem se destinado ao exercício da leitura e da escrita crítica. Maria Valéria permite que se constate que ela foi capaz de transformar os saberes femininos em um poderoso instrumento para a escrita historiográfica e para o diálogo com outras linguagens. Ela permite que se entenda o romance como pesquisa, como narrativa séria, ensino e educação para a cidadania, objeto cultural e político. Por isso nunca perco de vista *o OVôo da Guará Vermelha*, o livro que pela sua visualidade quis ser uma literatura desejante, quis estabelecer diálogo com a tradição oral, com a cultura popular, em um romance onde há uma fala reiterante nas narrativas do personagem masculino, Rosálio, contador de histórias e analfabeto. O homem aqui é ágrafo. A repetição do gesto daquele que vem todas as noites ao encontro de Irene, a personagem feminina, na tentativa insistente de contar a sua história dá o andamento da narrativa. Poderíamos dizer que *O Voo da Guará Vermelha*, de Maria Valéria Rezende, escritora, freira de profissão, educadora dedicada às minorias, é uma narrativa matriz das outras três, que você nos apresenta, como uma literatura que dá um tratamento estético às histórias planas de um Brasil profundo. O importante na leitura dos romances é mostrar que ela não é apenas uma contadora de histórias, mas escreva que sabe trabalhar a linguagem de forma original, que sabe fazer prosa com raízes políticas e poéticas e conseguiu encontrar um tempo e um ritmo perfeitos para a simplicidade do narrar, simplicidade sob a qual se esconde uma complexa e apurada técnica na arte de contar histórias e criar personagens no dialogismo da correspondência, ou como desejamos, numa poderosa

⁵ Em *Outros cantos*, página 31-32.

⁶ Em *Quarenta dias*, página 157.

conquista de leitoras, de leitores e deste desejo que nos invade de escrever a leitura.
Te aguardo

26 de novembro de 2021

Tânia,

Nosso tempo está acabando. Escrevo neste papel virtual e me imagino Alice procurando alguém que não sei se existe. E se existe, não sei onde está. Nos correspondemos como você e sua mãe no tempo do teu doutorado no Rio. Mas, dessa vez, passamos por Porto Alegre, Olho d'Água, Olinda, Portugal, João Pessoa e outros cantos desse Brasil profundo. Escrevemos como quem está distante, como quem manda notícias de uma viagem. Nessa viagem literária, nos fizemos destinatárias. E destinatárias, nos fizemos leitoras. Escrevemos a leitura. Agora, somos remetentes. Maria Valéria Rezende é nossa destinatária. Escrevemos com as palavras dela, a partir de entrevistas, dos romances e das mensagens que vocês trocaram pelo Facebook, em uma espécie de bricolagem que se pretende chegar ao destino. Pois, Lacan já dizia, uma carta sempre chega ao seu destino.

28 de novembro de 2021

Maria Valéria,

Já outra vez desesperava e mergulhava em profunda tristeza⁷. Achei que ali eu morria, mas me consolei pensando já estando nas alturas a mão de Deus me pegava com maior facilidade, então ~~fiquei muito calmo~~, rezei uma Ave-Maria⁸.

Ave-palavra. Sherazade. *Mil e uma noites*. A literatura é realmente um gesto da própria língua. Ela não hesita e não fracassa mesmo diante de um real que quer falar de assalto, de ditadura, de gerações, do fim das utopias, de doença, de abandono, de filhos sofridos, de desencanto e de morte. Esta é a voz na vida real daquela que escreve a leitura do mundo, que escreve à Rainha louca, que escreve no caderno da Barbie e que pinta os voos solitários.

Porque você é capaz de escrever as coisas numa linguagem bastante acessível⁹. Porque você decidiu pesquisar sobre mulheres¹⁰. Você encontrou cartas de uma mulher. E essa mulher se transformou em muitas mulheres¹¹. Mulheres que escrevem.

O cheiro a ocupar-me a memória parece cada vez mais forte, e me dou conta de que não é só lembrança¹². É literatura. É a tua literatura.

⁷ Em *Carta à Rainha Louca*, , página 33.

⁸ Em *O voo da guará vermelhaos*, página 131.

⁹ Retirado da entrevista:

https://www.youtube.com/watch?v=z0YpPWa6N6Y&ab_channel=Ita%C3%BACultural.

¹⁰ Idem.

¹¹ Idem.

¹² Em *Outros Cantos*, página 44.



IMAGINAÇÃO, MISTÉRIO E HORROR NA LITERATURA BRASILEIRA

Daniel Serravalle de Sá*

Assim como outras nações do mundo, o Brasil tem sua própria tradição de lendas misteriosas, contos folclóricos, superstições religiosas e cancioneros místicos. Essas manifestações populares são um produto singular das diferentes culturas que formaram nosso país. Com o passar do tempo, estabeleceu-se um campo de trocas entre a mitologia indígena, a matriz africana e a cultura europeia, constituindo um imaginário coletivo que foi propagado entre os brasileiros na forma de “causos” sertanejos, caiçaras e caboclos, contados à noite nas varandas e nos terreiros, à luz do lampião, da fogueira ou da Lua. Em *Antologia do folclore brasileiro*, inicialmente publicado em 1944 e ainda um dos melhores levantamentos históricos sobre o assunto, Luís da Câmara Cascudo mapeia na cultura nacional as inúmeras referências a mistérios envolvendo vida e morte, confrontos entre o bem e o mal e a interferência do sobrenatural no mundo natural. Tais narrativas se caracterizam pela presença de um elemento incognoscível, o qual já foi chamado de fantástico, mágico, gótico, maravilhoso, misterioso – o velho problema da classificação em gêneros.

Apesar dessa herança folclórica tão rica, na qual elementos inefáveis desempenham um papel central, a historiografia literária no Brasil tende a favorecer obras que privilegiam descrições das realidades da vida em detrimento dos voos da imaginação. Em parte, pelo fato de ter sido colônia, os textos literários que são considerados expoentes da cultura brasileira consistem em obras que, muitas vezes, tendem a enfatizar questões político-sociais e/ou promover uma vida urbana e cultural mais pujante. Dessa forma, criaram-se pré-julgamentos sobre as narrativas que contêm elementos de indeterminação e terror, as quais ficaram associadas às manifestações populares, arcaicas e rurais.

As aspirações críticas surgidas a partir do final do século XIX (Sílvio Romero, Araripe Júnior, José Veríssimo), em geral ligadas à classe média alta e em diálogo com a cultura erudita, almejaram prover o país com um conjunto de nomes, temas e textos-chave merecedores de apreciação artística. Tal projeto de construção da cultura literária nacional resultou em debates teóricos e estéticos profícuos, mas também criou restrições no escopo de investigação, principalmente no que diz respeito às narrativas brasileiras de imaginação e medo. No século XX, uma nova geração de influentes estudiosos (Afrânio Coutinho, Brito Broca, Antonio Candido, Alfredo Bosi) seguiu na esteira dos historiadores e críticos literários do século anterior, dando prosseguimento a uma historiografia literária que relegou as narrativas de imaginação e fantasia à condição de subliteratura.

O discurso institucional moldado por esse pensamento influenciou fortemente a forma como a literatura é estudada e até mesmo produzida no Brasil, de modo que se tornou quase lugar-comum afirmar que as narrativas de terror e de situações fantásticas são raras no país. Isso acontece, pois, durante seu desenvolvimento, a crítica literária brasileira mediu-se pela régua da literatura europeia, que naquele período valorizava a objetividade, a verossimilhança e o olhar crítico sobre a sociedade. Logo, não é que a literatura brasileira seja pouco propensa às abstrações, mas trata-se de uma questão de perspectiva crítica, ou seja, de como o cânone nacional foi organizado e não de um problema de produção. Inclusive, argumenta-se aqui que a colonização, a escravidão e a ditadura fazem do Brasil um campo fértil para a criação de narrativas, principalmente aquelas relacionadas à violência e ao medo.

* Professor Adjunto na Universidade Federal de Santa Catarina.
E-mail: d.serravalle@ufsc.br.

Mais recentemente, diversos grupos de pesquisadores ligados aos estudos do gótico e do fantástico têm trabalhado para preencher essa lacuna na historiografia da literatura brasileira. Esses estudos contemporâneos, em sua maioria, não estão mais centrados na ideia de originalidade e sim em como organizar e discutir obras já existentes, buscando resgatar textos que foram preteridos pela vertente crítica principal. Ao adotar o procedimento pós-produtivo, se reconhece que as narrativas de imaginação, mistério e horror na literatura brasileira se manifestam em prosa e em verso, em textos canônicos e não canônicos. Muitas vezes, mas nem sempre, não se constituem como um gênero e sim como discurso emergindo de forma pontual e fragmentada em uma determinada cena ou imagem literária. Em outras palavras, em vez de se buscar um gênero literário coeso, a ideia aqui consiste em admitir que no Brasil há tendências polivalentes e que o estudo dessas narrativas deve focar os modos de expressão, os procedimentos linguísticos usados para se obter efeitos de mistério sobrenatural e terror macabro.

Nem todos os textos que citarei adiante se encaixam perfeitamente nos moldes do gênero. O intuito aqui é apenas evidenciar determinados elementos, temas e imagens ligadas ao incognoscível, aventando a possibilidade de uma investigação mais detalhada sobre a presença de mistérios, horrores e imaginação sobrenatural na literatura brasileira, sem que isso impeça que os mesmos textos possam ser lidos em outra chave.

Em *O Uruguai* (1769), poema épico de Basílio da Gama, o macabro se manifesta na paisagem de sangue e morte que abre os versos, em que corvos bicam cadáveres de guerreiros indígenas. Aparições fantasmagóricas, sonhos divinatórios, misticismo religioso e a presença de um vilão italiano são outros elementos que possibilitam uma leitura gótica desse poema.

Os duelos, os crimes e as aventuras em *O filho do pescador* (1843), de Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa, já lhe imputaram a designação de literatura de “capa e espada”. Todavia, as descrições lúgubres, as revelações e o mistério final a ser resolvido são exemplos do potencial mais fantástico desse romance folhetinesco. Teixeira e Sousa também é autor de *Os três dias de um noivado* (1844), poema inspirado em lendas indígenas que, em seu quinto canto, põe em cena um feiticeiro solitário e narra o encontro do personagem Corimbaba com entidades sobrenaturais em cima de um rochedo encantado.

O romance *Os dois amores* (1848), de Joaquim Manuel de Macedo, representa questões de classe social e triângulos amorosos, sua conexão com o imaginário de terror se manifesta nas imagens de sótãos, de túmulos e nos devaneios que levam “para a região fantástica, onde mora a imaginação” (capítulo XXX). *Januário Barbosa, ou Os sete orelhas* (1852), conto de Joaquim Norberto de Sousa e Silva, justapõe horror e fantasia em uma narrativa repleta de crueldade e violência na qual um pai busca vingança pelo assassinato do filho.

Álvares de Azevedo talvez seja o autor mais lembrado quando se pensa em literatura de horror gótico no Brasil. A peça teatral *Macário* (1852) e sua sequência, a narrativa em moldura, *Noite na taverna* (1855), são amplamente reconhecidas como representantes da imaginação macabra de um autor brasileiro. Entretanto, como seus contos se passam na Europa, a crítica costuma apontar que não houve uma tentativa de aclimação dos temas e personagens ao contexto tropical. A influência de E.T.A. Hoffmann, Ludwig Tieck e Lord Byron se materializa na ambientação melancólica, nos crimes e nos elementos sobrenaturais dessas narrativas ultrarromânticas, que abordam canibalismo, satanismo e necrofilia.

A nebulosa (1857), poema narrativo de Joaquim Manuel de Macedo, parte de sincretismos mitológicos para contar a história do Trovador, que se isola do mundo na Rocha Negra, um penhasco em uma enseada, onde sob à luz do Sol, da Lua e das intempéries tropicais, encara seu destino acompanhado por uma feiticeira. A fatalidade relacionada às águas (rios, mares, lagoas), presentes tanto em *O filho do pescador* quanto em “*A nebulosa*”, permeia diversas obras da literatura brasileira.

Algumas escritoras também se valeram do discurso fantástico a exemplo de Ana Luísa de Azevedo Castro, cujo romance folhetinesco *Dona Narcisa de Villar* (1859) alude a fantasmas, denuncia crueldades e violências contra os povos indígenas e tem a presença de protagonista com características de donzela gótica. *Úrsula* (1859), de Maria Firmina dos Reis, tematiza a condição de ser negro no Brasil, sendo ela mesmo afro-brasileira. Vilania, assassinatos e ambientações sombrias são recursos usados para oferecer uma perspectiva sobre o contexto brasileiro, tornando-se um caso exemplar de como o discurso aterrador ecoa questões sociopolíticas.

A trindade maldita (1861), de Franklin Távora, é uma coletânea de contos em moldura narrados por três forasteiros em uma taverna. Em diálogo com Álvares de Azevedo, os temas noturnos, os atos de vilania e as

imagens de uma natureza indomável são marcas do elemento soturno nessa obra.

As danças de origem indígena e africana, a presença de bruxas, lobisomens, crocodilos, mulas-sem-cabeça e galos pretos, hibridizam-se no poema *A orgia dos duendes* (1865), de Bernardo Guimarães. O autor também escreveu o conto *A dança dos ossos*, uma história de traição e assombração materializada na forma de um esqueleto que pula e dança na floresta, e *A garganta do inferno*, conto no qual um sonho divinatório revela uma gruta de ouro guardada por uma cobra de fogo. Ambas as narrativas estão no livro *Lendas e Romances* (1871). Em *A ilha maldita* (1879), Guimarães retoma a temática das águas sombrias e perigosas na paisagem brasileira, personificada aqui por Regina, a “filha das ondas”, mulher fatal que concentra em si os elementos de magia e mistério dessa narrativa. Bernardo Guimarães e Álvares de Azevedo, quando eram estudantes em São Paulo, foram membros da lendária Sociedade Epicureia, organização literária inspirada no lado mais delirante de Byron – a pesquisadora Onédia Barboza (1975) tem um excelente estudo sobre a recepção de Byron no Brasil.

Dois dos mais renomados escritores brasileiros do século XIX também se enveredaram pelas sendas da imaginação de mistério e terror. Em *Como e porque sou romancista* (1893), texto em que discute sua formação literária, José de Alencar declara que os romances de mistério e terror gótico foram seus primeiros modelos. Tal influência pode ser vista em *O guarani* (1857), *As minas de prata* (1865), *O gaúcho* (1870) e *O tronco do ipê* (1871), romances que trazem expressões pontuais do gótico no Brasil, em que o sertão, as matas, os rios, as montanhas e os grotões são ambientes cercados de enigmas e acontecimentos macabros. Machado de Assis, por sua vez, dá vazão a uma imaginação fantástica repleta de ironia e humor. Por exemplo, no conto *Um esqueleto* (1875), o dr. Belém mantém em casa a ossada da falecida esposa, e em *A causa secreta* (1885), o sádico Fortunado vira sócio de uma casa de saúde para se deleitar com o sofrimento alheio.

A fome (1890), de Rodolfo Teófilo, dramatiza o êxodo e as situações de penúria decorrentes da fome e da peste (varíola), considerado um romance regional-naturalista, as cenas de privação e precariedade, que culminam em canibalismo, podem ser lidas na chave do horror e do surreal. Na coletânea *Contos amazônicos* (1893), em particular nos contos *A feiticeira*, *Acauã* e *O baile do judeu*, Inglês de Souza, fornece exemplos de um imaginário fantástico típico da região Norte do Brasil,

incorporando elementos do folclore e das lendas que têm origem na floresta e na cultura popular regional.

Aluísio Azevedo é considerado um escritor naturalista, mas se aventurou pelo fantástico no conto longo *Demônios* (1893), que narra como uma escuridão sobrenatural e uma vegetação onírica invadem o mundo como o conhecemos. O lúgubre romance *Mortalha de Alzira, ou girândola de amores* (1894), é um outro exemplo da incursão do autor pelo maravilhoso. Na coletânea *Pelo sertão* (1898), em particular no conto *Assombramento*, Afonso Arinos se inspira nas histórias de almas penadas e na ambientação rural de uma fazenda abandonada. *A rainha do ignoto* (1899), de Emília Freitas, fecha o século com uma narrativa que relembra lendas de mistérios e espiritualidade, na qual a sociedade das Paladinas do Nevoeiro usa seus poderes sobrenaturais para se comunicar e resgatar mulheres que vivem em sofrimento.

No século XX, *Esfinge* (1908), de Coelho Neto, é um romance singular na vasta produção do escritor, com uma narrativa que flerta com androgenia, obsessões, doutrinas orientais e espiritismo, todos esses elementos centrados na figura de James Marian, cidadão inglês que reside no Rio de Janeiro durante a Belle Époque. Em *Contos gauchescos* (1912), coletânea de contos ambientados nos pampas, João Simões Lopes Neto aborda o folclore do sul do Brasil, estilizando lendas populares por meio do vaqueiro Blau Nunes, personagem que recebe uma moeda encantada. A coletânea *Urupês* (1918), de Monteiro Lobato, contém contos potencialmente mágicos que mesclam realismo e fantasia na forma de lendas e mitos nacionais. Em *Contos da vida e da morte* (1927), livro difícil de encontrar, apesar dos diferentes meios de pesquisa contemporâneos, novamente Coelho Neto faz uso da imaginação e da fantasia para se contrapor ao processo de modernização no país.

Nos contos *O mistério de Highmore Hall* (1929), ambientado na Escócia, e *Tempo de destino* (1930), no qual um jogador de xadrez recebe ajuda de um estranho sujeito, um jovem Guimarães Rosa envereda pelos caminhos do fantástico. A coletânea *O monstro e outros contos* (1932), de Humberto Campos, possui diversos contos desse autor ainda pouco vinculado à temática do horror e do mistério, entre eles *Catimbau*, *Morfina* e *Os olhos que comiam carne*. No conto *O espelho* (1938), de Gastão Cruls, o incognoscível emerge de uma situação cotidiana, quando a compra de um espelho em um leilão de antiguidades altera de modo sobrenatural a relação sexual de um casal.

Murilo Rubião é um dos principais nomes da literatura fantástica brasileira no século XX, tendo escrito apenas 33 contos, a maior parte deles entre 1940 e 1960. Nas coletâneas de contos *O ex-mágico* (1947), *Os dragões e outros contos* (1965) e *O pirotécnico Zacarias* (1974), o inexplicável e o surreal emerge nas situações corriqueiras do cotidiano, com efeitos inesperados.

O contista e romancista José J. Veiga é outro ícone da literatura fantástica no Brasil com uma vasta bibliografia que inclui as coletâneas de contos *Os cavaleiros de Platiplanto* (1959), *A estranha máquina extraviada* (1968), *Sombras de reis barbudos* (1972) que contêm narrativas nas quais lugares ermos, nomes inventados, incertezas existenciais e fatos extraordinários desassossegam protagonistas e leitores, apontando para uma transfiguração da realidade.

Em *Incidente em Antares* (1971), de Érico Veríssimo, os coveiros de uma cidade fictícia entram em greve, logo os mortos insepultos passam a vagar pela cidade, revelando segredos sem temer represálias. Esse romance surreal e cômico está profundamente ancorado nas questões de violência do regime militar.

As formigas, *A estrela branca e Lua crescente em Amsterdã*, todas as narrativas parte da coletânea *Mistérios* (1981), são exemplos de contos de horror e fantasia de Lygia Fagundes Telles que trazem o inusitado, o inexplicável para o mundo que circunda os personagens por meio de temas, eventos e procedimentos linguísticos. Em *Não verás país nenhum* (1981), Ignácio Loyola Brandão faz uma incursão no surrealismo fantástico. Protagonistas kafkaescos que vagam por paisagens degradadas e universos ditatoriais, demonstrando como a ficção fantástica pode reverberar o real sem renunciar à imaginação, sua característica mais marcante.

No século XXI, graças às facilidades tecnológicas e às plataformas de autopublicação, houve um crescimento exponencial da literatura de imaginação, horror e mistério produzidas no Brasil. Muitos desses novos autores brasileiros estão em diálogo com um imaginário internacional e desenvolvem suas narrativas usando como pano de fundo contos de fadas, sagas nórdicas, mitologia celta, medievalismos europeus, além de outras referências que, por meio do que o crítico Arjun Appadurai chama de “fluxos culturais” (1990), se tornaram um repertório global. No entanto, alguns escritores têm apostado em usar o Brasil como pano de fundo das suas histórias. No romance *Os sete* (2000), André Vianco introduz vampiros no país por meio de uma caixa de prata

resgatada de uma caravela naufragada há cinco séculos e inadvertidamente aberta por uma equipe de pesquisadores de uma universidade. Em *Arma Escarlata* (2011), de Renata Ventura, o adolescente Hugo foge de um tiroteio na favela Santa Marta (Rio de Janeiro) e descobre que é bruxo. Em *Pedra e a Ilha*, mistérios envolventes (2020), Maurício de Oliveira, ambienta sua história de piratas e indígenas em Laguna, Santa Catarina.

Esses escritores, fortemente influenciados pelas mídias digitais, ao mesmo tempo que seguem tendências e modelos internacionais, também incorporam aspectos da cultura e sociedade brasileira, possibilitando o surgimento de novas estéticas e estilos. Talvez essa nova geração esteja dando os primeiros passos em direção à formalização de um gênero literário no Brasil. Enquanto isso não se concretiza, o estudo da literatura de imaginação, horror e mistério em território nacional deve olhar para as formas modais de expressão, para os procedimentos linguísticos e para as maneiras que o discurso busca provocar determinados efeitos nos leitores.

REFERÊNCIAS

APPADURAI, Arjun. Disjuncture and Difference in the Global Cultural Economy. *Theory, Culture & Society*, v. 7, n. 2. p. 295-310, 1990.

BARBOZA, Onédia Célia. *Byron no Brasil*: traduções. São Paulo: Ática, 1975.

BATALHA, Maria Cristina. *O fantástico brasileiro: contos esquecidos*. Rio de Janeiro: Caetés, 2011.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Antologia do folclore brasileiro*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1944.

LITERATURA fantástica brasileira (verbetes). In: *Glossário da Literatura Brasileira* (Unb). Disponível em: <https://linguaportuguesa.digital/glossario/literatura-fantastica-brasileira/>. Acesso em: 11 out. 2022.

GINWAY, Elizabeth. “Machado’s Tales of the Fantastic: Allegory and the Macabre.” In: LAMONTE, A.; SILVA, D.F. *Emerging Dialogues on Machado de Assis*. New York: Palgrave MacMillan, 2016. p. 211-222.

MENON, Mauricio César. *Figurações do gótico e de seus desmembramentos na literatura brasileira de 1843 a 1932*. 2007. Orientador: Almir Aquino Corrêa. Programa de Pós-Graduação em Letras. Centro de

Letras e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Londrina. Tese (Doutorado em Letras). Londrina, 2007.

SÁ, Daniel Serravalle de. *Gótico tropical: o sublime e o demoníaco em O Guarani*. Salvador: EDUFBA, 2010.



"LITERATURA FEMININA": O FAZER LITERÁRIO QUE HABITA ENTRE RETRATOS E FECHADURAS

Emmanuele Amaral Santos*

No ensaio *Um teto todo seu*, a escritora inglesa Virginia Woolf relata como possuir “quinhentas libras por ano e um quarto com fechadura na porta “[...] seria uma das únicas formas de se dedicar à escrita como ofício sendo uma mulher”.

A independência, seja ela financeira, representada pelas quarenta libras por ano, ou doméstica, como evoca a figura do quarto, remete à possibilidade das mulheres irem além de certas performances determinadas como obrigatórias ao gênero feminino, tais como a preocupação exclusiva com os afazeres de cuidado do “lar” e um casamento “vantajoso” com um marido que as sustentasse. A reflexão sobre essas atividades prescritas às mulheres, como insinuado por Virginia, demonstra-se essencial, em diversos aspectos, para o desenvolvimento literário das autoras.

Gilka Machado, por exemplo, foi uma exceção em diversos âmbitos referentes aos papéis tradicionalmente exigidos das mulheres. Mesmo sendo uma jovem negra no Brasil na década de 20, recebeu uma educação letrada – o que possibilitou com que ela ganhasse um concurso de poemas eróticos, algo que causou grande espanto tanto aos organizadores do evento quanto à sociedade em geral. Ainda que renomada em sua época por seus poemas de estética simbolista e seu importante papel político, Gilka teve dificuldades financeiras e precisou cuidar sozinha dos dois filhos, administrando uma pensão humilde e cozinhando para os hóspedes a fim de pagar as contas e não morrer de fome.

Por quais motivos, mesmo sendo reconhecida e superando a grande barreira do letramento, Gilka não teve acesso a espaços legitimados da literatura, como a Academia Brasileira de Letras? Para além da ausência das “independências” elencadas por Virginia, nos textos *A (in)elegibilidade feminina na Academia Brasileira de Letras e Mulher e Literatura: uma relação tão delicada*, recebemos mais algumas pistas sobre respostas a este questionamento.

Nestes escritos, conseguimos perceber como os critérios de inserção (ou não inserção) de autoras/estudiosas femininas em lugares legitimados da literatura, refletem as estruturas da sociedade de cunho patriarcal que fazemos parte. Os papéis de mãe, esposa e filha, assim como questões referentes à temáticas “próprias” às mulheres, das quais Gilka estava claramente excluída, eram fatores determinantes (e deterministas) para qualificar as obras das autoras como “aceitáveis”.

A formação desse único fazer literário permitido às mulheres, intitulado “literatura feminina”, mostra-se detentor de mecanismos prescritivos e encarceradores para as análises literárias. Ademais, fica então implícito que o conceito de “mulher” seria algo homogêneo, negando, assim, as particularidades típicas da vivência humana as quais são percebidas de forma singular por cada uma dessas escritoras.

Nesse ponto, é interessante refletir sobre a importância da autoria feminina dentro da sua esfera de multiplicidade. Ao citarmos, por exemplo, um trecho do poema *O retrato fiel*, da própria Gilka: “Não olhes os meus retratos, não me suponhas em mim”; podemos interpretar os retratos aos quais ela se refere

* Graduanda em Letras Português pela Universidade Federal de Santa Catarina. Interessada em escritas de mulheres, teoria feminista, poesia, fonética/fonologia, língua portuguesa em

África e contato linguístico. Ainda à procura de um teto todo seu que possua jardins e gatos.

como os estereótipos que estruturam tal “literatura feminina”, e não “supor” que eles existam, ou seja, não usá-los como critério único para avaliar as obras de escritoras mulheres, como uma maneira de subverter essas estruturas literárias e patriarcais.

Voltando à fala de Woolf, analisando de forma mais subjetiva as “liberdades” que a autora cita, a “fechadura na porta” pode ser interpretada como o símbolo para uma outra liberdade respectiva à segurança, uma espécie de entrave que protegeria a autora que habita o quarto de ter suas ideias “invadidas”, menosprezadas, e suas escolhas, condenadas.

Assim, podemos notar como a ausência/presença dessas diferentes liberdades, que vão de questões financeiras à intelectuais, permeiam o universo da autoria feminina, a recepção de seus escritos e sua presença nos lugares legitimados da literatura. Além disso, mostra-se como é importante refletir sobre a maneira com que os estereótipos concebidos socialmente fazem parte da estrutura da chamada “literatura feminina” e auxiliam no cerceamento de tais liberdades além da manutenção destes mesmos “retratos”, os quais não refletem a multiplicidade de obras e escritoras, apenas as invisibiliza.

REFERÊNCIAS

FANINI, M. A. A (in)elegibilidade feminina na Academia Brasileira de Letras: Carolina Michaëlis e Amélia Beviláqua . *Tempo Social*, v. 22, n.1, p. 149-177, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12631>.

MACHADO, Gilka. *Poesias Completas*. Rio de Janeiro: Léo Christiano: FUNARJ, 1991.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.



ENTRE PALAVRAS E IMAGENS: UMA ANÁLISE UM POUCO SINGELA

Davi Rodrigues*
Carolina Barbosa Moura da Silva**

Assim como outras nações do mundo, o Brasil tem sua Neste trabalho, nós propomos analisar uma charge a partir dos pressupostos teóricos da Semântica (CANÇADO, 2008) e da Gramática do Significado Visual (KALANTZIS; COPE; PINHEIRO, 2020). Sua justificativa parte de características marcantes deste gênero textual, que seriam o retrato da atualidade e a abordagem crítica de temáticas sociopolíticas relevantes ao momento em que são publicadas. Para nós, analisar tais produções permite não só a construção de um olhar crítico para a contemporaneidade, mas também um olhar mais detalhado para as produções multimodais, que circulam em um ritmo cada vez mais intenso nos espaços digitais.

O texto escolhido por nós (Figura 1) foi publicado em 19 de dezembro de 2019 no site do jornal Plural Curitiba, em uma espécie de coletânea de charges (BENETT, 2019) com o intuito de fazer uma retrospectiva sobre aquele ano, e foi produzido por Alberto Benett, cartunista do jornal Folha de São Paulo e organizador e cartunista do jornal Plural Curitiba.



Figura 1: charge Armas para todos, de Alberto Benett
Fonte: Benett, 2019.

Conforme observamos, o ano da publicação coincide com o primeiro ano do mandato do Presidente da República Jair Bolsonaro. Dado esse contexto, acreditamos que essa charge faz referência às tentativas do presidente para a flexibilização do porte de arma em nosso país. Desta forma, o texto mobilizaria recursos verbais e não-verbais, os quais explicaremos a seguir, para criticar o armamento no Brasil.

Um dos primeiros recursos que podemos perceber na charge é a organização do texto verbal em dois enunciados: “Armas para todos” e “Oba! Uma luz no fim do túnel!!!”. No primeiro enunciado [“Armas para todos”], o verbo encontra-se subentendido [“Armas [são] para todos”]. Entendemos, portanto, se tratar de um sintagma nominal, sendo “armas” o sujeito, e “para todos”, o adjunto adnominal.

Tendo isso posto, identificamos duas formas de interpretação. A primeira é que o enunciado parece ser um pedido ou requerimento em que alguém – a população em geral, uma parte dela, o governo, etc. – pede/requer um objeto – armas – para alguém – todos –, como o tipo de mensagem que apareceria em um cartaz de protesto. Teríamos então um predicado requerendo dois argumentos: “[Queremos] armas para todos”. Outra possibilidade que encontramos foi a interpretação desse enunciado como um slogan político, uma promessa. Essa foi uma das bases da campanha eleitoral em 2018 (FERNANDES, 2018) do atual presidente e segue sendo uma de suas principais pautas.

O segundo enunciado é composto por duas partes: a primeira “Oba!” e a segunda “Uma luz no fim do túnel!!!”. A primeira parte é uma interjeição de satisfação, o que deixa claro que o personagem está feliz com o que está observando: a luz no fim do túnel. Isso nos leva à

* Acadêmico do curso de Letras - Português/Inglês (UFMS).
Contato: davi.rodrigues@ufms.br.

** Acadêmica do curso de Letras - Português/Inglês (UFMS).
Contato: carolina.moura@ufms.br.

segunda parte do enunciado: “Uma luz no fim do túnel!!!” é uma expressão muito utilizada que significa ter esperança. Sendo assim, associando todas as mensagens verbais, o texto nos parece propor um cenário bastante favorável à flexibilização das armas, principalmente depois de uma interjeição de satisfação.

Porém, analisando os diferentes sentidos possíveis dessa expressão, percebemos um significado oposto do primeiro. “Uma luz no fim do túnel” também pode ser utilizada para quando alguém está prestes a falecer. A luz, nesta situação, não está ligada à esperança, como no primeiro caso, mas à morte. Logo, um cenário que parecia bastante positivo, já se mostra diferente. É possível perceber, então, que o autor utilizou como recurso semântico a homonímia, utilizando da ambiguidade para promover a crítica pelo humor sarcástico identificado na charge.

Em forte relação com o texto escrito, temos os recursos imagéticos utilizados pelo autor. De acordo com a gramática do significado visual, proposto por Cope, Kalantzis e Pinheiro (2020), devemos levar em conta cinco critérios para uma análise significativa de imagens. Para o recorte desta análise, utilizaremos apenas dois critérios: “Referência” - “a que o significado se refere?” (COPE; KALANTZIS; PINHEIRO, 2020, p. 248) - e “Intenção” - “a que interesses esses significados servem?” (COPE; KALANTZIS; PINHEIRO, 2020, p. 249).

Em relação a Referência do texto, na charge, podemos observar que em associação à temática do armamento temos uma arma sendo representada. Além disso, talvez em alusão ao presidente, o único personagem que se faz presente assume uma figura masculina. Entretanto, mesmo que o personagem não se constitua como uma referência a Bolsonaro, a escolha de não retratar uma personagem feminina também é significativa, pois comumente associa-se a prática de violência mais aos homens do que às mulheres. Outra opção seria pensar o personagem como uma representação de parte da população que apoia a flexibilização do armamento.

No texto, a proporção da representação do tamanho da arma em relação ao do personagem é significativamente maior. Ambos os elementos interagem entre si, visto que a cabeça do personagem encontra-se na ponta do cano da arma, por onde saem os disparos. Essa disposição dos componentes do texto e a interação personagem-arma é significativa, pois da maneira como se apresentam, podemos aferir que o

armamento da população não é visto de forma positiva pelo autor.

É interessante perceber, também, que a imagem não faz referência a um lugar específico. Não há a representação de, por exemplo, a Câmara dos Deputados do Brasil, onde geralmente são sancionadas as leis. Há, pelo contrário, uma ausência de localidade. Dessa forma, o autor poderia estar indicando que a responsabilidade das medidas tomadas em prol do armamento da população teria como origem uma pessoa que, neste caso, seria Jair Bolsonaro, significado que poderia estar contemplado pela representação de somente um personagem na charge.

Ainda em relação ao critério Referência, outro aspecto que podemos destacar é a seleção de cores. Corroborando as ideias presentes no enunciado “Oba! Uma luz no fim do túnel!!!”, a escolha da cor preta evoca não somente a temática morte, como também a de escuridão. No mesmo sentido, a cor amarela materializa a “luz no fim do túnel”, e o “túnel” propriamente dito seria o cano da arma.

Além disso, o jogo de cores e iluminação da charge está em consonância com o enunciado “Oba! Uma luz no fim do túnel!!!”, pois o que caracterizaria a luz saindo da arma seria um disparo. Dessa forma, é como se a imagem retratasse uma ação em suspensão, uma morte prestes a acontecer, a captura de momentos antes de uma tragédia.

Outro ponto a ser destacado é a relação de convergência entre o texto escrito e o imagético. Na charge, a ideia de satisfação do segundo enunciado é completamente comprometida quando a associamos à imagem. Percebemos, então, o recurso da ironia sendo utilizado pelo autor, que só se completa pela junção dos dois recursos supracitados.

Destarte, associando todos os recursos utilizados na charge (a disposição das cores, dos elementos e os possíveis significados dos enunciados), podemos discorrer sobre o critério Intenção, que revela a posição do autor perante a temática retratada por ele. De acordo com o que pudemos aferir, no texto, o chargista chama a atenção de seus leitores para a ideia de que o armamento da população brasileira é perigosa. Enquanto argumentos pró-armamento apontam para a segurança social, o autor evidencia o contrário: um prejuízo à sociedade. Por meio do recurso da ironia, por exemplo, o chargista aponta que armar a sociedade pode levar à morte da população, o que, contraditoriamente, intensificaria o próprio problema que o armamento se propõe solucionar.

O autor, portanto, não somente se posiciona frente a uma discussão relevante à época da publicação, mas também alerta o leitor e convida-o a refletir sobre as possíveis implicações da flexibilização da regulamentação do porte de arma no Brasil, que ainda hoje divide opiniões, bem como a apropriação de discursos como esse por parte do representante máximo do nosso país.

REFERÊNCIAS

BENETT, A. Armas para todos. 2019. Disponível em: <https://www.plural.jor.br/noticias/poder/que-tiro-foi-esse/>. Acesso em: 17 nov. 2021.

CANÇADO, M. *Manual de semântica: noções básicas e exercícios*. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

FERNANDES, T. Bolsonaro promete decreto para liberar posse de arma a pessoas sem ficha criminal. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 29 dez 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/12/bolsonaro-promete-decreto-para-liberar-posse-de-arma-a-pessoas-sem-ficha-criminal.shtml>. Acesso em: 26 out 2022.

KALANTZIS, M.; COPE, B.; PINHEIRO, P. *Letramentos*. Campinas: Unicamp, 2020.



RESENHA AO REVÉS DO AVESSO

BRITTO, LUIZ PERCIVAL
LEME. *AO REVÉS DO AVESSO:
LEITURA E FORMAÇÃO*. SÃO
PAULO: PULO DO GATO, 2015.
144p.

Gabriela Medeiros Muller
Izabel Bayerl Bonatto
Laiara Machado Serafim*

Luiz Percival Leme Britto, autor do livro *Ao revés e do avesso*, graduou-se em Letras pelo Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas em 1983, onde também fez mestrado (1988) e doutorado (1997) em Linguística. É professor da Universidade Federal do Oeste Pará desde 2010, onde atua como coordenador nos cursos de graduação de Pedagogia e Letras e nos programas de mestrado profissionalizante em Letras - Profletras e de Pós-graduação em Educação, e do LELIT - Grupo de estudo, pesquisa e intervenção em leitura, escrita e literatura na escola. Também atua na área de educação e linguagem há mais de 30 anos, no campo da leitura e formação de educadores, além de desenvolver pesquisas e formar programas de educação, cultura e leitura para diferentes setores da administração

pública e organizações sociais, agindo principalmente em leitura, ensino da língua Portuguesa em nível fundamental e médio e educação superior e norma e variação linguística. É autor de vários outros livros, dos quais destacamos: *No lugar da leitura - biblioteca e formação* (Edições BL, 2016) e *Inquietudes e Desacordos - a leitura além do óbvio* (Mercado de Letras, 2012) e inúmeros artigos de periódicos, resumos, produções técnicas, entre outros trabalhos.

A obra, publicada em 2015, é composta por uma coletânea de ensaios produzidos por Britto ao longo de quase duas décadas. Inicia-se com o prefácio intitulado *Pelo avesso*, pelo direito e por um terceiro lado, escrito por Fabíola Farias, que traz como base uma citação presente em um dos capítulos finais do romance *É isto um homem*, de Primo Levi, que trata sobre a experiência de Levi em Auschwitz e seu questionamento sobre a legitimidade e a potência da língua. A partir disso, Farias discursa brevemente sobre os textos de Britto, a importância da leitura e a formação de leitores no Brasil.

O autor desenvolve o prefácio em cima do debate sobre a promoção e ensino de leitura e a crítica aos discursos de ler por ou com prazer e de ler para ser melhor. Por conseguinte, Britto mantém o questionamento sobre o que seria um “bom leitor” e uma “boa leitura”. Para tanto, ele traz um debate sobre quatro valores ditos necessários para a representação do “leitor ideal”: a liberdade, a autonomia, a crítica, e a criatividade. Para o autor, esses valores que parecem, de fato, ideais, aparentam conter uma dualidade que tanto pode apresentar um caráter favorável quanto pode interferir de forma adversa na formação do leitor. Portanto, para o autor, os conceitos de bom e mau leitor, boa e má leitura, se produzem através do propósito que cada indivíduo possui no ato da leitura.

Britto argumenta que ler nada mais é do que uma ação transitiva como qualquer outra, entretanto, seu valor depende do intuito com que se lê e para que se lê. A leitura foi, por muito tempo, considerada um patrimônio daqueles que detinham o poder econômico e social. Uma vez superado esse cenário de exclusão - que, no Brasil atual, não parece ter se erradicado de fato - a leitura, para o autor, vem se tornando um mecanismo de alienação de massas e de propaganda.

Ao discorrer sobre a promoção da leitura na cidadania, aponta que a criação de projetos de leitura deve sempre manter um caráter ativo na defesa da leitura

* Graduandas da 4ª fase do curso de Letras - Língua Portuguesa e Literaturas na Universidade Federal de Santa Catarina.

como direito e privilegiar os trabalhos nas escolas e bibliotecas públicas. A leitura deve ultrapassar o campo do entretenimento e se tornar um direito do cidadão, como o direito à liberdade, à vida, ao bem-estar. Entretanto, para Britto, encarar a leitura como um mecanismo de ascensão social é um erro e acentua o preconceito político e social. É preciso, no entanto, incentivar o desenvolvimento de leitores críticos, capazes de questionar o texto e absorver as ideias do autor de forma consciente. Britto encerra o capítulo cinco com a seguinte ideia: “[...] o excluído de fato da leitura não é o sujeito que sabe ler e não gosta de romance, mas o mesmo sujeito que, no Brasil atual, não tem terra, não tem emprego, não tem habilitação” (p. 85).

Avançando para o sexto ensaio da obra, intitulado *A quinta história e as outras – Sobre leitura e construção de sentidos*, Britto discute os limites da interpretação ou os sentidos de um texto literário, buscando um equilíbrio mediado pela história entre autor, texto e leitor. Para tal, o autor utiliza da obra *A quinta história*, de Clarice Lispector, em uma análise minuciosa acerca da intenção da autora para com os leitores, afirmando que as interpretações que se desenvolvem ao longo da narrativa são resultados da relação entre o narrador e a palavra, construindo, assim, uma rede de significações específicas que são limitadas pela intenção de cada autor. Para complementar o seu pensamento, Britto apresenta um triângulo que representa a relação locutor, texto e interlocutor, onde o texto aparece como “[...] a fixação de um momento particular dessa dinâmica” (p.96) e o leitor (locutor) é um lugar a ser preenchido.

No último ensaio da obra, *Máximas pertinentes*, Britto aborda diversas questões recorrentes acerca da leitura. A primeira delas: a leitura não determina o valor de uma pessoa, ou seja, ler não torna ninguém melhor ou pior, mas, sim, a leitura possibilita maior participação social dos sujeitos na sociedade, garantindo mais oportunidades de bem-estar e sucesso. A segunda questão abordada está relacionada à crença de que a leitura salva. Sobre isso, o autor afirma que é apenas uma possibilidade e não uma certeza, complementando que outras formas de artes são igualmente capazes de ter um efeito positivo na vida das pessoas. Outra afirmação que Britto considera problemática é “ler não importa o que”, justamente porque isso implica na convicção de que a progressão na leitura do indivíduo o levaria a leituras consideradas melhores. Contrariando esse pensamento, Britto afirma que a leitura é uma prática individual e depende de cada sujeito e suas necessidades. No restante do ensaio, o autor ainda

discute sobre a leitura ser ou não um entretenimento e sobre a dificuldade (ou não) de ler. Para finalizar o ensaio, o autor declara que a leitura é um instrumento de poder, tendo diversas implicações, entre elas a condição social do indivíduo. Portanto, para Britto, o que interessa é “[...] se pode ler e lê o quê, quando e quanto quiser” (p.141).

Em suma, a obra de Britto apresenta um caráter crítico e assertivo ao longo de todos os ensaios. Trata-se da visão de um pesquisador que se dedica e se propõe a analisar todas as realidades no âmbito da leitura, sejam elas favoráveis ou não. Diante disso, a leitura da obra parece ser voltada àqueles que estão dispostos a abrir mão dos ideais de leitura tão comuns e fantasiosos para os dias atuais e encarar de forma crítica e realista o cenário do país e como a leitura faz-se amplamente necessária, assim como sugere Britto em sua obra, ao descrever o ideal de um leitor crítico.



DESTRUIR
(POEMA EM LIBRAS)



Evellin V Vieira
Bruno Araujo de Freitas
Gustavo da Silva Flores
Vitória Cristina Amancio (tradutora)*

*Acadêmicas e acadêmicos do curso de Letras-Libras da UFSC.

DESCRIÇÃO DAS IMAGENS

IMAGEM DA CAPA:

Em uma imagem com borda verde, há uma imagem de pés e mãos negras segurando um objeto quadrado e prateado; sobreposta a essa imagem, há uma faixa rosa na diagonal em que está escrito, em letras pretas, PREGUIÇA; um pouco mais abaixo, formando um círculo, está escrito REVISTA LIVRE DE LITERATURA E ESCRITURA. Mais abaixo, sobre a borda inferior verde, está em letras pretas, escrito DEZ 2022. PET LETRAS UFSC e mais à direita VOLUME 03 NUM. 01

IMAGEM DA SEÇÃO ABERTURA:

Na imagem em preto e branco, há uma senhora de idade, cabelos brancos, vestindo um casaco de inverno e um cachecol, parada na rua com os braços cruzados, olhando para a câmera com expressão desconfiada e talvez triste. Ao fundo, vemos uma rua em que se pode notar alguns carros e um casal, composto por um homem e uma mulher, de costas, andando abraçados.

IMAGEM DA SEÇÃO POESIA:

Na imagem vemos a foto de uma pessoa parada na calçada, encarando a rua vazia. A pessoa veste tênis preto, calça estampada em preto e branco, e um sobretudo amarelo e tem cabelos cacheados de tamanho médio; ao fundo, há um prédio marrom avermelhado com janelas brancas e do lado esquerdo da pessoa tem dois postes.

IMAGEM DA SEÇÃO CONTO:

Na imagem, vemos uma foto de uma pessoa de cabelos curtos e escuros, usando uma máscara de papel de um elefante azul com detalhes em branco. A pessoa está somente com os olhos castanhos visíveis e usando uma jaqueta vermelha e preta. A pessoa está dentro de um carro, sentado no banco do carona, com a janela aberta mostrando uma parede branca no fundo. É possível ver também um aromatizador de carro pendurado no espelho de dentro do carro.

IMAGEM DA SEÇÃO CRÔNICA:

Na imagem, vemos a foto de uma senhora branca de cabelos grisalhos usando óculos, um vestido azul escuro longo estampado com bolinhas azul-claro, e sandálias pretas. Ela está em pé, com os braços levantados e rodando um bambolê vermelho na cintura. No fundo, uma parede branca e um chão cinza de cimento.

IMAGEM DA SEÇÃO QUASE-ARTIGO:

Na imagem, vemos uma senhora de cabelo preto e curto. Ela está de costas e veste um vestido longo na cor rosa claro. Ela segura uma bolsa rosa escuro e usa sapatos de salto da mesma cor. Ao fundo, vemos paredes de azulejo que estão pixadas com frases não identificáveis.

IMAGEM DA SEÇÃO RESENHA:

Na imagem, vemos a foto de uma pessoa negra sentada em uma cama a extrema direita. Não é possível ver o lado direito dela, pois está cortado. A pessoa usa uma blusa cor de creme de mangas compridas e uma calça rosa claro. A pessoa está segurando um objeto retangular preto, plastificado em mãos, não muito visível. Na parte esquerda da imagem vemos um quadro abstrato em tons de preto e cinza com uma moldura marrom. Ao fundo do quadro e da pessoa vemos uma parede branca.

IMAGEM DA SEÇÃO LIBRAS:

Na imagem, vemos a foto de um cachorro de pelos da cor preta e caramelo, vestindo uma blusa de cor vermelha com mangas longas listradas nas cores roxo, verde e amarelo. O cachorro está deitado sobre um chão de pedra de cor bege.